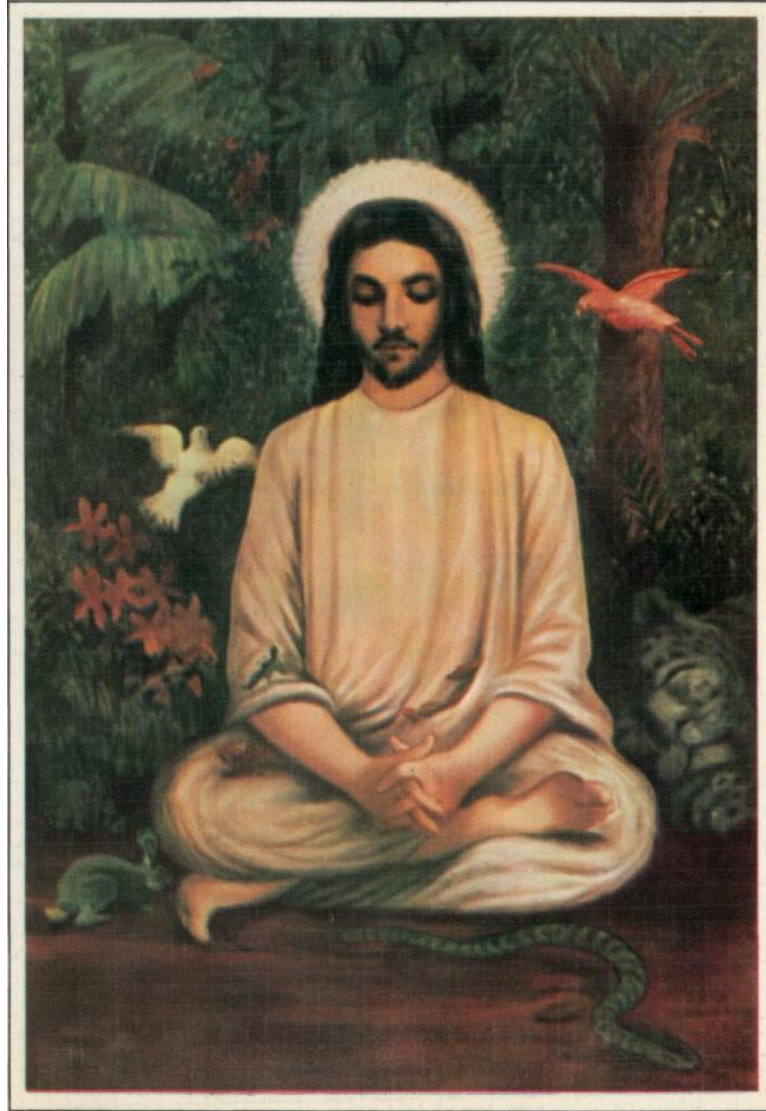


**O SERMÃO DA MONTANHA
SEGUNDO O VEDANTA**



SWAMI PRABHAVANANDA

SUMARIO

PREFÁCIO, De Henry James Forman

Agradecimentos

Introdução

Capítulos I. As Bem-aventuranças

II. Sal da Terra

III. Não Resistais ao Mal

IV. Sede, pois, Perfeitos

V. A oração do Senhor

VI. Deus e o Dinheiro

VII. Estreita é a Porta

PREFÁCIO

Não deveria ser novidade, no seio de uma comunidade cristã, um livro sobre o Sermão da Montanha, que é o próprio cerne do ensinamento cristão. Mas, sendo este livro escrito por um swami hindu, adepto do Vedanta e do evangelho de Sri Ramakrishna, livro que, ademais, não apenas interpreta, mas também enaltece o Sermão, como se fora do próprio Ramakrishna — então, certamente, o menos que se pode dizer dele é que é incomum.

Por mais bonita que seja em si mesma essa interpretação, Swami Prabhavananda não a mostra como um ideal distante, dificilmente atingível — que é a forma de vê-lo da maior parte dos ocidentais —, mas como um programa prático de vida e conduta cotidianas. Tão clara é a interpretação que o Swami faz desse grande texto, que muitos cristãos haverão de descobrir através dela uma abordagem mais

simples ao ensino de seu Mestre, e mais objetiva do que qualquer outra que encontraram até hoje.

O Vedanta ensina que a verdadeira natureza do homem é divina, e que o mais importante e real objetivo da vida humana é expor e revelar essa Divindade. Para nós, o Sermão é um desígnio de perfeição. Ao vedantista, cuja única meta é a manifestação de Deus, nada há de estranho nisso. O sannyasin da Ordem Ramakrishna, à qual pertence o Swami Prabhavananda, procura seguir o caminho da perfeição em cada dia da sua vida. Ele ora diariamente, em sua meditação, para que consiga superar o egoísmo (= sentido do ego), para que possa abster-se da crítica e da busca de erros alheios e para que alcance o amor e a simpatia para com todos. O vedantista não pode se sentar para meditar enquanto não tiver limpado a mente de todos os ódios e ressentimentos. A literatura da Ordem Ramakrishna — como, por exemplo, o Evangelho de Sri Ramakrishna, os escritos do Swami Vivekananda e o inestimável livrinho de Swami Prabhavananda, O companheiro eterno — está toda ela carregada de ensinamentos semelhantes aos do Sermão da Montanha e de outras passagens da Bíblia.

Lemos no livro do Êxodo que, ao descer da montanha, "*Moisés não sabia que a pele de seu rosto brilhava*". Swami Prabhavananda conta-nos neste volume que viu um de seus antepassados — um discípulo direto de Sri Ramakrishna — assim transfigurado. Uma luz emanava de todo o seu corpo. Não só o Swami a viu — mas, numa passagem do templo onde isso ocorreu, uma multidão espantou-se e abriu caminho, enquanto o homem iluminado passava completamente absorvido na meditação em Deus.

Fenômenos dessa espécie não se limitam às escrituras que datam de centenas de milhares de anos atrás. Podem ocorrer, e de fato ocorrem ainda hoje. A religião é uma ocorrência permanente na vida humana. Os preceitos do Sermão da Montanha podem estar e estão vivos ainda hoje; depende apenas do espírito com que são acolhidos. Swami Prabhavananda e seus confrades vedantistas aceitam-nos realisticamente. Talvez seja por isso que pessoas de diferentes crenças e seitas cristas, freqüentando palestras sobre o Vedanta, começam de repente a enxergar mais claramente. E com mais brilho sua própria crença, e a compreensão que dela têm atinge uma penetração mais profunda. Em suma, o Vedanta chega ao Ocidente, não para suplantiar qualquer religião, e sim para trazer uma espiritualidade mais tangível aos que o buscam. Ele não visa ao proselitismo, mas a ajudar o homem a perceber a divindade

dentro de si. Nesse, sentido ele afirma ser a mais prática das filosofias religiosas. É esta prática que o Swami Prabhavananda transmite com êxito através da sua interpretação, notavelmente lúcida e bela, do Sermão da Montanha.

Henry James Forman

AGRADECIMENTOS

Merecidos agradecimentos cabem a inúmeros editores pela permissão de reproduzir seleções de seus livros: a Advaita Ashrama, Mayavati, Índia, pelas passagens de *The Complete Works of Swami Vivekananda* [Obras completas de Swami Vivekananda], a Methuen & Company Ltd., Londres, pela passagem de *The Confessions of Jacob Boehme*, compilado e editado por W. Scott Palmer; à Society for Promoting Christian Knowledge, Londres, pelos trechos de *The Way of a Pilgrim* [O caminho de um peregrino] e *The Pilgrim Continues His Way* [peregrino continua o seu caminho], traduzidos do russo por R.M.French; e à Vedanta Society of Southern Califórnia pelas passagens das seguintes obras: *How to Know God, the Yoga Aphorisms of Patanjali* [Como conhecer Deus, os aforismos iogues de Patanjali], traduzida com novos comentários pelo Swami Prabhavananda e Christopher Isherwood; *The Song of God: Bhagavad-Gita* [A canção de Deus: Bhagavad-Gíta], traduzida por Prabhavananda e Isherwood; *The Upanishads* [Os Upanishads], traduzida por Prabhavananda e Frederick Manchester; *The Wisdom of God (Srimad Bhagavatam)* [A sabedoria de Deus (Srimad Bhagavatam)], traduzida por Prabhavananda.

As seleções da vida e dos ensinamentos de Sri Ramakrishna são principalmente de *Sri Ramakrishna Lilapra-sanga*, de Swami Saradananda, e *Sri Ramakrishna Kathamritaf de M.*

As palestras nas quais se baseia este livro foram proferidas pelo autor nos templos de Hollywood e Santa Bárbara, da Sociedade Vedanta do Sul da Califórnia. Partes do material apareceram na revista *Vedanta and the West* [O Vedanta e o ocidente], e numa antologia, *Vedanta para o mundo ocidental*, editada por Christopher Isherwood.

Gostaria de agradecer a Henry James Forman por escrever o prefácio. Sou devedor da Pravrajika Anandaprana por editar o manuscrito e dar ao livro sua forma atual — e a Benjamin Saltman pela assistência editorial.

S.P.

INTRODUÇÃO

Este livro baseia-se em palestras que proferi sobre o Sermão da Montanha. Essas palestras foram revistas e ampliadas a fim de incluírem ensinamentos não comentados anteriormente. Para mim, o Sermão da Montanha representa a essência do Evangelho de Cristo; e aqui ele vem reproduzido em sua inteireza, conforme foi registrado, para que as palavras de Cristo possam ser lidas seqüencialmente, e a unidade de sua mensagem possa ser vista com clareza.

Não sou cristão, não sou teólogo, não li as interpretações da Bíblia feitas pelos grandes eruditos cristãos. Estudei o Novo Testamento da mesma forma como estudei as escrituras da minha própria religião, o Vedanta. O Vedanta, que surgiu dos Vedas, as mais antigas das escrituras hindus, ensina que todas as religiões são verdadeiras, porquanto levam a um e ao mesmo objetivo — a manifestação de Deus. Minha religião, portanto, aceita e reverencia todos os grandes profetas, os mestres espirituais e as expressões da Divindade venerados em diferentes crenças, considerando-os como manifestações de uma verdade subjacente.

Jovem monge viveu bem próximo da maioria dos discípulos de Sri Ramakrishna, fundador da ordem à qual pertenço. Esses homens santos viviam conscientes de Deus e ensinavam-nos os métodos pelos quais se pode atingir o estado final e abençoado da união mística — samadhi, como se diz no Vedanta. A partir do que vi nesses homens santos e de todo o ensinamento que absorvi, sentado aos pés deles, procurei abordar a doutrina de Cristo. Daí por que retorno com freqüência às palavras de Sri Ramakrishna e de seus discípulos, buscando apoio na explicação das verdades do Sermão da Montanha.

Um desses discípulos de Sri Ramakrishna foi meu mestre: Swami Brahmananda. Embora não fosse ele um estudioso da Bíblia, com base em sua própria experiência espiritual, ensinava de modo bem semelhante ao empregado por Cristo, e não raro usava quase as mesmas palavras. Meu mestre vira Cristo numa visão espiritual e comemorava todos os anos o Natal, oferecendo reverência especial a Jesus — costume esse que tem sido observado em todos os mosteiros da Ordem Ramakrishna até hoje.

Nessas ocasiões, oferecem-se frutas, pão e bolo, a modo hindu. Com frequência faz-se uma conferência sobre Cristo, ou então se lê a história da Natividade ou o Sermão da Montanha.

Uma dessas celebrações cristãs, a primeira a que assisti, teve muito a ver com o que Cristo significa para mim. Isso aconteceu em, em Belur Math, perto de Calcutá, onde ficava a sede da nossa ordem. Eu ingressara no mosteiro poucos dias antes. Na véspera do Natal, reunimo-nos diante de um altar sobre o qual fora colocada uma imagem de Nossa Senhora com o Menino. Um dos monges mais velhos prestava reverência, ofertando flores, incenso e alimento. Muitos dos discípulos de Sri Ramakrishna assistiam à cerimônia: entre eles achava-se o meu mestre, prior da nossa ordem. Enquanto estávamos sentados em silêncio, meu mestre disse: "Meditem no Cristo interior e sintam sua presença viva. Intensa atmosfera espiritual invadiu o recinto do culto. Nossas mentes se elevaram e sentimo-nos transportados para outra conscientização. Percebi, pela primeira vez, que Cristo era tão nosso quanto Krishna, Buda e outros grandes mestres iluminados que reverenciávamos. Como hindu, ensinaram-me desde criança a respeitar todos os ideais religiosos, a reconhecer a mesma inspiração divina em todas as diferentes crenças. Por isso, como expressão manifesta da divindade, eu jamais poderia considerar Cristo um estranho. Mas, para uma experiência pessoal e viva Dele, precisei da conscientização resultante da veneração naquela memorável véspera de Natal.

Perdura há muitos anos uma íntima conexão espiritual entre Cristo e a minha ordem monástica, iniciada pelo fundador, Sri Ramakrishna, que mereceu veneração divina durante a vida, e desde que faleceu, em, tem recebido reconhecimento crescente na Índia, como uma encarnação de Deus. Dos muitos santos e iluminados mestres na história do Vedanta, Sri Ramakrishna manifestou em vida, em grau mais elevado do que qualquer outro, a idéia da harmonia e da universalidade religiosas. Submeteu-se não apenas às disciplinas de seitas divergentes dentro do Hinduísmo, como também às do Islamismo e do Cristianismo. Ele descobria em cada caminho religioso a suprema manifestação de Deus, credenciando-se assim a proclamar com a autoridade da experiência pessoal: "Muitas religiões, muitos caminhos para alcançar um único e mesmo objetivo."

Foi por volta de que Sri Ramakrishna começou a se interessar pelo Cristianismo. Um devoto que costumava visitar o Mestre no jardim do templo de

Dakshineswar, próximo de Calcutá, explicava-lhe a Bíblia em bengali. Certo dia, sentado na sala de visitas da casa de outro devoto, Sri Ramakrishna viu um quadro de Nossa Senhora com o Menino. Absorvido em contemplá-lo, viu-o de repente tomar-se vivo e resplendente. Um amor ardente por Cristo invadiu seu coração, sobrevivendo-lhe a visão de uma igreja cristã, onde devotos queimavam incenso e acendiam velas diante de Jesus. Durante três dias, Sri Ramakrishna viveu sob o apelo dessa experiência. No quarto dia, enquanto caminhava por um bosque de Dakshineswar, viu aproximar-se uma pessoa de semblante sereno, cujo olhar o fixava. Do recesso mais profundo do coração adveio-lhe a manifestação: "Este é Jesus, que derramou o sangue de seu coração pela redenção da humanidade. Este não é outro senão a personificação do amor/" O Filho do Homem abraçou então Sri Ramakrishna e entrou dentro dele: — Sri Ramakrishna atingiu o samadhi, o estado de consciência transcendental. Foi assim que Sri Ramakrishna se convenceu da divindade de Cristo.

Pouco depois de sua morte, nove de seus jovens discípulos reuniram-se numa noite diante de um fogo sagrado, a fim de pronunciarem os votos de renúncia formal - daí em diante haveriam de servir a Deus como monges. Seu líder, o futuro Swami Vivekananda, contou aos irmãos a história da vida de Jesus, pedindo-lhes que eles próprios se tornassem outros Cristos, empenhando-se na ajuda da redenção do mundo e negando-se a si mesmos, como o fizera Jesus. Mais tarde, os monges descobriram que aquela noite fora a da véspera do Natal — ocasião realmente propícia para o pronunciamento de seus votos.

Desse modo, desde os primeiros dias da nossa ordem, Cristo tem sido honrado e reverenciado por nossos swamis como um dos maiores mestres iluminados. Muitos de nossos monges citam as palavras de Cristo para explicar e ilustrar as verdades espirituais, percebendo uma unidade essencial entre a mensagem dele e a dos nossos sábios e videntes hindus. Como Krishna e Buda, não prega Cristo um mero evangelho ético ou social, mas sim um evangelho incondicionalmente espiritual. Ele afirmou que Deus pode ser visto, que a perfeição divina pode ser alcançada. Para que os homens atinjam o objetivo supremo da existência ensinou a renúncia ao mundanismo, a contemplação de Deus e a purificação do coração através do amor de Deus. Estas verdades simples e profundas, declaradas reiteradamente no Sermão da Montanha, constituem-lhe o tema subjacente, como tentarei demonstrar nas páginas que se seguem.

Julho, Swami Prabhavananda

CAPÍTULO I

AS BEM-AVENTURANÇAS

Antes de chegada a hora de pronunciar o Sermão da Montanha, Jesus pregou por toda a Galiléia. "Sua fama alcançou a Síria inteira", como disse São Mateus. As novas revelavam um mestre extraordinário, e multidões afluíam para vê-lo — como haviam feito há milhares de anos no Oriente, e ainda o fazem, à aproximação de um homem-Deus. Elas vinham "da Galiléia e da Decápolis, de Jerusalém e da Judéia, e de além do Jordão". E Jesus ensinava as multidões de acordo com a capacidade delas; mas o Sermão que contém seus ensinamentos mais elevados reservou-o ele para os seus discípulos, para aqueles que estavam espiritualmente preparados. Levou-os à encosta de uma colina, onde não seriam interrompidos pelos que não estivessem preocupados com sua verdade suprema.

Vendo a multidão, subiu ao monte. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos:

E abrindo a boca, ensinava-os, dizendo...

Todo mestre espiritual, seja uma encarnação divina ou uma alma iluminada, tem dois conjuntos de ensinamentos — um para a multidão, outro para os discípulos. O elefante possui dois conjuntos de dentes: as presas com que se defende das dificuldades exteriores e os dentes com os quais come. O mestre espiritual prepara o caminho de sua mensagem com lições genéricas — seriam suas presas. A verdade profunda da religião ele a revela apenas aos discípulos íntimos. Porque a religião é algo que pode de fato ser transmitido. Um mestre verdadeiramente iluminado pode transmitir-nos o poder que revela a consciência divina, latente em nós. Mas é preciso que o campo seja fértil e o solo esteja pronto antes que a semente possa ser semeada.

Quando multidões vinham aos domingos visitar Sri Ramakrishna, o místico da Índia moderna mais amplamente reverenciado, ele lhes falava de um modo vago, que lhes fazia benefício. Mas quando os discípulos íntimos se reuniam à sua volta —

conforme me contou um deles — ele procurava certificar-se de que ninguém mais o ouvia, enquanto lhes ministrava as verdades sagradas da religião. Não que as verdades em si sejam secretas — elas estão registradas e qualquer um pode lê-las. O que, porém, ele dava àqueles discípulos era mais do que ensinamentos verbais; de um jeito divino, ele lhes despertava a consciência.

Cristo ensinava desse mesmo modo. Ele não pronunciou o Sermão da Montanha para as multidões, e sim para os discípulos, cujos corações estavam prontos para recebê-lo. As multidões ainda não estão aptas para entender a verdade de Deus. De fato, nem a desejam. Meu mestre, Swami Brahmananda, costumava dizer: "Quantos estão prontos? Sim, muita gente vem até nós. Temos o tesouro a dar-lhes. Mas eles querem apenas batatas, cebolas e berinjelas."

Qualquer um de nós que deseje sinceramente o tesouro, que busque a verdade, pode beneficiar-se da mensagem dada no Sermão da Montanha e pode tornar-se um discípulo. Cristo, como veremos em nosso estudo do Sermão, fala das condições que temos de possuir para sermos discípulos e para as quais precisamos preparar-nos. Ele ensina os caminhos e os meios para atingirmos a purificação de nossos corações, de modo que a verdade de Deus possa revelar-se por inteiro dentro de nós.

Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus.

Nesta primeira bem-aventurança, Cristo fala da principal característica que o discípulo precisa possuir, antes que esteja pronto para receber o que o mestre iluminado tem para lhe dar. Ele precisa ser pobre em espírito: noutras palavras, precisa ser humilde. Se uma pessoa orgulha-se do que sabe, da riqueza, da beleza ou da linhagem; se tem idéias preconcebidas do que seja a vida espiritual e de como deveria ser ensinada — então sua mente não está receptiva aos ensinamentos mais elevados. Lemos no Bhagavad-Gitã, o evangelho dos hindus:

"As almas iluminadas que perceberam a verdade hão de instruir-te no conhecimento de Brahma (o aspecto transcendental de Deus), se tu te prostrares diante delas, as inter-rogares e as servires como um discípulo."

Segundo um conto indiano, certo homem procurou um mestre e pediu-lhe para ser seu discípulo. Com intuição espiritual, percebeu o mestre que o homem não estava ainda preparado para ser instruído. Por isso lhe perguntou:

— Você sabe o que precisa fazer para ser meu discípulo?

O homem respondeu que não e pediu ao mestre que lho dissesse.

— Bem, disse o mestre, você precisa ir buscar água, apanhar lenha, cozinhar e trabalhar muitas horas em serviços pesados. Precisa também estudar. Está disposto a fazer tudo isto?

O homem respondeu:

— Sei agora o que o discípulo precisa fazer. Diga-me, por favor: e o mestre, o que ele faz?

— Ah, o mestre fica sentado, e em sua maneira recolhida dá as instruções espirituais.

— Entendi, disse o homem. — Nesse caso, não quero ser discípulo. Por que você não faz de mim um mestre?

Todos nós desejamos ser mestres, É preciso, porém, que antes de nos tornarmos mestres, aprendamos a ser discípulos. Precisamos aprender a humildade.

Bem-aventurados os que choram: porque serão consolados.

Enquanto nos julgarmos ricos de bens terrenos ou de conhecimentos, não poderemos progredir espiritualmente. Quando sentirmos que somos pobres em espírito, quando nos afligirmos por não termos percebido a verdade de Deus — somente então seremos consolados. Sem dúvida que todos nós choramos — mas por quê? Pela perda de prazeres e de posses terrenos. Mas, não é desse tipo de lamento que Cristo fala. O lamento que Cristo chama de "abençoado" é bastante raro, porquanto nasce de um sentimento de perda espiritual, de solidão espiritual. É um lamento que surge necessariamente antes que Deus nos console. A maioria de nós está inteiramente satisfeita com a vida superficial que leva. No fundo de nós, talvez tenhamos consciência de que nos falta algo, mas agarramo-nos ainda na esperança de que essa falta possa ser preenchida pelos objetos sensíveis deste mundo.

Sri Ramakrishna costumava dizer: "As pessoas derramam rios de lágrimas porque um filho não nasceu ou porque não conseguiram ficar ricas. Quem, entretanto, verte sequer uma lágrima por não ter visto Deus?" Este falso sentido de valores é

resultado da nossa ignorância. No tocante à natureza dessa ignorância, o filósofo indiano Sankara dizia que o sujeito, o cognocente (o Eu ou o Espírito), opõe-se tanto ao objeto, o conhecido (não-Eu ou matéria), como a luz se opõe às trevas. No entanto, por influência de maya — o poder inexplicável da ignorância — sujeito e objeto misturam-se a tal ponto que, em geral, o homem identifica o Eu com o não-Eu. É muito fácil entender intelectualmente que o Eu verdadeiro é diferente do corpo, da mesma forma que somos diferentes da roupa que vestimos. Todavia, quando o corpo adocece, dizemos: "Estou doente." Intelectualmente, podemos entender que o verdadeiro Eu é diferente da mente. Mas, se temos uma alegria ou um sofrimento, dizemos: "Estou feliz", ou "Sou um miserável." Além disso, identificamo-nos com os nossos parentes e amigos: algo que aconteceu a eles parece estar acontecendo a nós. Identificamo-nos com as nossas posses. Se perdemos nossas riquezas, sentimo-nos como se perdêssemos a nós mesmos. Essa ignorância é comum a toda a humanidade. Somente o conhecimento direto de Deus pode removê-la. Quando começamos a sentir uma ausência espiritual dentro de nós, quando começamos a lamentar como o Cristo queria que lamentássemos, quando vertemos pelo menos uma lágrima por Deus — então estamos preparando o caminho para o consolo daquele conhecimento divino.

A espécie de lamento que Cristo chamava de bem-aventurado vem expresso na imitação de Cristo:

"Ó meu Deus, quando poderei ser um contigo e fundir-me em teu amor, a ponto de me esquecer por inteiro de mim mesmo? Sê tu em mim, e eu em ti; e concede que possamos permanecer assim, sempre juntos num só."

É preciso que atinjamos esse estágio, quando sentirmos que nada mais nos dá paz, a não ser a visão de Deus. Então Deus atrai a mente do homem para si como um ímã atrai a agulha — e o consolo chega.

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.

A ignorância e a ilusão são características da mente degenerada. Tal ignorância é confirmada e suportada pelo nosso sentimento de ego — a nossa idéia de que estamos separados uns dos outros e de Deus. Importa superar o egoísmo para que a mente se livre da ilusão. Portanto, bem-aventurados os mansos. Mas, por que diz Cristo que eles herdarão a terra? À primeira vista isso parece de difícil compreensão. Entre os aforismos iogues de Patanjali (ioga significa união com Deus, bem como o caminho

para essa união) há um que corresponde a essa bem-aventurança: "O homem que toma a resolução de não roubar torna-se o mestre de todos os ricos." Que quer dizer "não roubar"? Quer dizer que precisamos desistir da ilusão egoísta de que podemos possuir coisas, de que algo pode pertencer-nos de modo exclusivo, como indivíduos. Podemos pensar: "Mas somos pessoas boas. Nada roubamos! Tudo quanto possuímos é fruto do nosso trabalho e merecimento. Pertence-nos por direito!" A verdade, porém, é que nada nos pertence. Tudo pertence a Deus. Quando olhamos qualquer coisa deste universo como nossa, estamos apropriando-nos de coisas de Deus.

O que é então a mansidão? É viver em auto-sujeição a Deus, livre do sentimento de "eu" e de "meu". Isso não significa que devemos fugir da riqueza, da família e dos amigos; devemos, porém, fugir da idéia de que eles nos pertencem. Eles pertencem a Deus. Devemos olhar-nos como servos de Deus, aos quais ele confia suas criaturas e bens. Tão logo assimilamos essa verdade e desistamos de nossas pretensões ilusórias e individuais, descobriremos que, em seu sentido mais genuíno, tudo nos pertence, no final das contas.

Os conquistadores que se empenham em serem senhores do mundo pela força e pelas armas jamais herdam outra coisa além de ansiedades, aborrecimentos e dores de cabeça. Os avaros, que acumulam riquezas enormes, não fazem mais do que acorrentarem-se ao ouro — jamais o possuem realmente. Mas o homem que abandona o sentimento de apego prova as vantagens que os bens proporcionam, sem a angústia que a posse acarreta.

Muita gente se desagrada desta palavra de Cristo, por julgar que o manso nunca pode conseguir nada. Julgam que não há felicidade na vida, a menos que se use de agressividade. Quando lhes dizem para porem de lado o ego, para serem mansos — temem que perderão tudo. Erro deles, porém. Nas palavras de Swami Brahmananda:

"As pessoas que vivem pelos sentidos pensam que estão gozando a vida. Que sabem elas do prazer? Só aqueles que estão plenos da felicidade divina gozam de fato a vida."

Todavia, argumentos não provam esta verdade: é preciso vivenciá-la — aí, então, fica-se convencido.

Se um candidato à espiritualidade segue sinceramente o ensinamento de Cristo quanto à mansidão, acabará por achá-lo muito prático. Descobrirá que a cólera e o ressentimento podem ser conquistados pela doçura e pelo amor. O místico chinês Lao-Tzu expressa esta verdade ao dizer:

"Das coisas macias e fracas deste mundo, nenhuma é mais frágil do que a água. Mas, para vencer o que é firme e forte, ninguém pode igualá-la. que é macio conquista o duro. A rigidez e a dureza são companheiras da morte. A maciez e a ternura são companheiras da vida' Abandonando sinceramente o ego a Deus — tornando-nos mansos — alcançaremos tudo: herdaremos a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados.

Qual é a justiça da qual o Cristo nos quer sedentos e famintos? Trata-se da justiça que em inúmeras passagens do Antigo Testamento é praticamente sinônimo de salvação — noutras palavras, libertação do mal e união com Deus. Esta justiça, portanto, nada tem a ver com o que comumente pensamos como virtudes morais ou boas qualidades, não se relaciona com o bem em oposição ao mal, nem com a virtude em oposição ao vício; trata-se da justiça absoluta, da bondade absoluta. O faminto e sedento de justiça de que fala o Cristo é o faminto e sedento do próprio Deus.

Já se salientou que a maioria de nós não quer de fato Deus. Se nos analisarmos, descobriremos que nossos interesses relativos a Deus quase nada têm da força do nosso interesse por todo tipo de objetos materiais. Mas até mesmo um ligeiro desejo de conhecer a realidade divina é um começo que nos pode levar mais acima. Precisamos começar com um esforço próprio. Precisamos batalhar para desenvolver o amor ao Senhor, praticando a relembração dele, rezando, adorando e meditando. À medida que praticarmos essas disciplinas espirituais, o nosso frágil desejo de compreendê-lo há de intensificar-se, até se converter em fome violenta, em sede ardente.

Àqueles que lhe perguntavam como compreender Deus, Sri Ramakrishna dizia:

"Gritem-lhe com um coração anelante, e então vocês o verão. Após a luz rósea da aurora, surge o Sol; do mesmo modo, ao anelo segue-se a visão de Deus. Ele se

revelará a vocês se vocês o amarem com a força combinada destes três apegos: o apego do avaro à sua riqueza, o da mãe à criança recém-nascida e o da esposa virtuosa a seu marido. “O anelo intenso é o caminho mais seguro para a visão de Deus.”

Precisamos aprender a direcionar todos os nossos pensamentos e toda a nossa energia, de forma consciente, para Deus. É preciso que se erga em nossa mente uma onda gigantesca de pensamento, envolvendo todos os desejos e paixões que nos desviam da meta espiritual. Quando a mente se torna focalizada e concentrada em Deus, então seremos locupletados de justiça.

Conta-se a história de um discípulo que perguntou ao mestre:

— Senhor como pode ter a percepção de Deus?

— Venha — disse o mestre —, vou lhe mostrar.

O mestre levou o discípulo a um lago e ambos mergulharam. De repente, o mestre chega ao discípulo e afunda-lhe a cabeça na água. Momentos depois, o solta e pergunta-lhe:

— Então, como se sentiu?

— Oh, eu quase morri de falta de ar — disse ofegante o discípulo.

Então o mestre retrucou:

— Quando você tiver essa mesma sensação intensa por Deus, não precisará mais esperar muito pela visão dele.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Um dos aforismos de Patanjali, o pai da psicologia hindu, corresponde a esta bem-aventurança:

"A calma imperturbável da mente é alcançada através da amizade para com aquele que é feliz, da misericórdia e compaixão para com o infeliz, da satisfação na virtude e da indiferença pelo mal/' Ser misericordioso é condição necessária para que possamos receber a verdade de Deus. A inveja, o ciúme, o ódio — eis algumas das fraquezas universais inatas no homem. Estão ligadas ao nosso sentimento do eu que provém da ignorância. Como faremos para superá-las? Erguendo uma onda oposta de

pensamento. Quando alguém é feliz, não devemos invejá-lo; devemos procurar concretizar nossa amizade e união e sermos felizes com ele. Quando alguém é infeliz, não devemos ficar alegres com isso: devemos sentir simpatia e ser misericordiosos. Quando uma pessoa é boa, não devemos invejá-la. Se for má, não a odiemos. Sejamos indiferentes ao malvado. Qualquer pensamento de ódio, mesmo o assim chamado "ódio justo" ao mal, despertará uma onda de ódio e de maldade em nossas próprias mentes, aumentando nossa ignorância e inquietação. Não podemos pensar no Senhor, ou amá-lo, enquanto subsistir essa onda de pensamento. Se desejarmos encontrar Deus precisamos assemelhar-nos a Deus na misericórdia.

Meu mestre costumava dizer: "Qual a diferença entre o homem e Deus? O homem, se você o ferir apenas uma vez, esquecerá toda a bondade anterior que você lhe fez e se lembrará sempre da única vez em que você falhou. Mas, se você se esquecer de Deus e pecar contra ele centenas de vezes, ainda assim ele olvidará todas as faltas e se lembrará das poucas vezes em que você rezou a ele com sinceridade. O pecado existe apenas nos olhos do homem; Deus não olha para os pecados do homem."

Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus.

Encontramos em qualquer religião dois princípios básicos: o ideal de realização e o método para realizar-se. Qualquer escritura do mundo tem proclamado a verdade de que Deus existe e de que a finalidade da vida do homem é conhecê-Lo. Todo grande mestre espiritual tem ensinado que o homem precisa conhecer Deus e renascer em espírito. No Sermão da Montanha, a realização desse objetivo vem expressa como a perfeição em Deus: "Sede perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito." E o método de realização que Cristo ensina é a purificação do coração que leva a essa perfeição.

Qual é essa pureza que precisamos ter antes que Deus se revele a nós: Todos nós conhecemos pessoas que poderíamos descrever como puras — no sentido ético — mas que não têm visto Deus. Por quê? A vida ética, a prática decidida das virtudes morais, se faz necessária como preparação para uma vida espiritual, sendo, portanto, ensinamento fundamental de qualquer religião. Todavia, isso não nos habilita a que vejamos a Deus. É como o alicerce de uma casa; não é a estrutura superior.

Como testar a pureza? Procure pensarem Deus, exatamente neste momento. O que você encontra? O pensamento da presença dele passa por nossa mente, talvez

como um relâmpago. Seguem-se depois muitas distrações. Você acaba pensando em tudo o mais que há no universo, menos em Deus. Tais distrações evidenciam que a mente é ainda impura e que não está preparada para receber a visão de Deus. As impurezas consistem em diferentes impressões que a mente foi acumulando através de sucessivos nascimentos. As impressões foram criadas e armazenadas no inconsciente da mente, como conseqüência de ações e pensamentos individuais, representando em sua totalidade o caráter da mente. Importa dissolver por completo essas impressões antes que se possa considerar a mente purificada. São Paulo refere-se a essa revisão mental em sua Epístola aos Romanos, ao dizer: "... busquem transformar-se através da renovação da mente".

De acordo com a psicologia iogue, cinco são as causas originais das impressões existentes na mente. A primeira é a ignorância, num sentido amplo, da nossa natureza divina. Deus habita dentro de nós e à nossa volta; todavia, não guardamos consciência dessa verdade. Em vez de ver Deus, vemos o universo de muitos nomes e formas, que julgamos real — exatamente como o homem que, vendo uma corda esticada em meio à poeira do chão, no escuro de sua ignorância pode pensar que é uma cobra. Em segundo lugar vem o sentimento do eu, projetado por essa ignorância, que nos faz pensar em nós mesmos como separados de Deus e separados uns dos outros. Além do sentimento do eu, desenvolvemos o apego e também a aversão: somos atraídos por umas coisas e repelidos por outras. Tanto o desejo como o ódio são empecilhos no caminho para Deus. A quinta causa das impressões mentais impuras é a ânsia de viver, que Buda chama de *tanha*, e à qual o Cristo se refere quando diz: "Quem quiser salvar sua vida, que a perca." Este apego à vida, ou medo da morte, é natural em todos, tanto nos bons como nos maus. Somente as almas iluminadas estão imunes à ignorância, ao sentimento do eu, ao apego, à aversão e ao medo da morte; para elas, as impressões todas se esvaíram.

Mesmo que Deus nos oferecesse, neste exato momento, o esclarecimento espiritual — nós o recusaríamos. Mesmo que estivéssemos procurando Deus, momentaneamente recuaríamos de pânico se estivéssemos prestes a ter uma visão dele. Agarramo-nos instintivamente à nossa vida superficial e à conscientização, temerosos de abandoná-las, muito embora, ao agir assim, estejamos passando para uma conscientização infinita, comparada à qual nossas percepções normais são, nas palavras do Bhagavad-Gita, "como uma noite espessa e um adormecer".

Swami Vivekananda, o apóstolo de Sri Ramakrishna, foi desde a mocidade uma alma pura que anelava por Deus. No entanto, ele provou desse mesmo medo. Quando esteve pela primeira vez com seu futuro mestre, Sri Ramakrishna tocou-o e sua visão espiritual começou a abrir-se. Então Vivekananda exclamou: "O que estás fazendo comigo? Tenho meus pais em casa!" Respondeu Sri Ramakrishna: "Ah, até você!"; — Ele viu que mesmo aquela alma grandiosa estava sujeita ao apego universal da consciência superficial.

Existem muitos caminhos de purificação do coração. Como haveremos de ver, Cristo procurava mostrá-los ao longo do seu Sermão. Qualquer que seja o método, o princípio essencial é o devotamento a Deus. Quanto mais pensarmos em Deus e nele nos refugiarmos, tanto mais o amaremos e mais puros se tornarão nossos corações.

O princípio de centralizar nosso coração em Deus é igualmente afirmado pelos homens santos, quer sejam das tradições judaicas, cristãs ou hindus. "O Senhor é minha força e meu escudo", diz o Salmista. Na Imitação de Cristo, lemos: "Tu és minha esperança, minha verdade e meu consolo... Vejo que tudo é fraco e inconstante fora de ti."

Swami Brahmananda ensinava essa mesma verdade a seus discípulos: "Agarre-se ao pilar de Deus!" Na Índia, as crianças primeiro se agarram a um pilar, depois giram ao seu redor — sem perigo de cair. De igual modo, enquanto nos agarrarmos a Deus, perceberemos que a experiência do prazer e da dor são inconstantes em sua natureza profunda. E quanto mais nos apegarmos ao pilar de Deus e a ele nos devotarmos, nossas paixões e desejos, que atrapalham a visão de Deus, perdem a sua força.

Um modo de aplacar a mente e aumentar a pureza é tentar sentir que já somos puros e divinos. Não se trata de uma ilusão. Deus nos criou à sua imagem; portanto, a pureza e a divindade são, no fundo, a nossa natureza. Se gritarmos a vida toda que somos pecadores, apenas nos enfraqueceremos. Sri Ramakrishna costumava dizer que, repetindo continuamente, "Sou um pecador", a gente acaba virando de fato pecador. Deve-se ter tanta fé, a ponto de dizer: "Cantei o santo nome do Senhor. Como pode haver algum pecado em mim?"

"Reconhece teus pecados perante o Senhor — ensinava Sri Ramakrishna — e jura não repeti-los. Purifica o corpo, a mente e a língua, cantando o nome dele. Quanto mais te moveres rumo à luz, mais te afastarás da escuridão."

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.

Somente quando estivermos iluminados pelo conhecimento unificador de Deus é que nos tornaremos seus filhos e produtores da paz. Claro que somos filhos permanentes de Deus, mesmo em nossa ignorância. Mas, em sua ignorância, nosso ego é "imaturo": é arrogante e se esquece de Deus. Não podemos trazer paz enquanto não tivermos completado nossa união com Deus e com todos os seres. No estado de consciência transcendental (a união divina perfeita, que os hindus chamam samadhi) a alma iluminada não tem ego; seu ego está imerso na mente de Deus. Ao retornar a um nível mais baixo de consciência, mostra-se ela novamente segura da sua individualidade; agora, porém, tem um sentimento "maduro" do ego, que não cria nenhuma escravidão para si mesmo ou para os outros. Para ilustrar esse ego amadurecido, as escrituras hindus falam de uma corda queimada: tem o aspecto de uma corda, mas não pode prender nada. Sem esse tipo de ego, não seria possível para um Deus-homem viver sob a forma humana e ensinar. Quando eu era ainda um jovem monge, um discípulo de Sri Ramakrishna disse certa vez:

"Por vezes é-me impossível ensinar. Para onde quer que olhe, vejo apenas Deus, usando diferentes máscaras, assumindo inúmeras formas. Quem é o mestre então? Quem deve ser ensinado? Mas, quando minha mente desce de nível, passo a ver as tuas faltas e fraquezas e procuro removê-las."

Há uma passagem no Bhagavata, escritura devota e popular dos hindus, que reza: "Aquele em cujo coração Deus se manifestou leva a paz, a alegria e o encanto aonde quer que vá." É o promotor de paz de que fala Cristo nas Bem-aventuranças. Recordo-me de uma vida que vi ávida de meu mestre, Swami Brahmananda. Todos os que vinham à sua presença sentiam uma alegria espiritual. E aonde quer que fosse levava consigo uma atmosfera de festividade.

Num de nossos mosteiros havia certo número de jovens postulantes, ainda não preparados, recém-vindos da escola. Após ficarem juntos algum tempo, suas velhas tendências começavam a afirmar-se e os rapazes formavam grupinhos e discutiam. Um veterano swami de nossa ordem investigou a situação; interrogou cada um e logo

descobriu os líderes. Depois, escreveu para o Swami Brahmananda, principal da nossa ordem, dizendo que eles não se adequavam à vida monástica e deviam ser expulsos. Meu mestre respondeu: "Não façam nada a respeito; vou aí pessoalmente." Ao chegar no mosteiro, não perguntou nada a ninguém. Apenas ficou vivendo ali. Só num ponto insistia — que todos os jovens meditassem regularmente todos os dias na sua presença. Logo, os jovens esqueceram suas discussões. A atmosfera geral do lugar tornou-se elevada. Quando Swami Brahmananda partiu, dois ou três meses mais tarde, estabelecera-se uma harmonia perfeita no mosteiro. Ninguém fora expulso. As mentes e os corações dos postulantes transformaram-se. Assim que entrei em nosso mosteiro de Belur, dois jovens discutiram e pegaram-se aos tapas. Swami Premananda, então abade, viu isso e pediu a Brahmananda, seu discípulo-irmão, que os mandasse embora. Respondeu-lhe meu mestre: "Irmão, eles não vieram para cá como almas perfeitas; vieram a nós para atingir a perfeição. Faça algo por eles!" Swami Premananda disse: "Você tem razão!" Reuniu-nos a todos e levou-nos a Swami Brahmananda. Cruzando as mãos, pediu a meu mestre que nos abençoasse. Swami Brahmananda ergueu a mão sobre nossas cabeças e, um a um, prostramo-nos diante dele. Falando de minha própria experiência, o que posso dizer é que aquela bênção foi como uma ducha fria num corpo febril. Produziu uma exaltação interior que podia ser sentida, mas não descrita. Esquecemo-nos de todas as preocupações e nossos corações encheram-se de amor. Essa é a maneira como um verdadeiro promotor da paz nos afeta. Ao serem nossos corações elevados pela presença dele, não temos vontade de discutir, porque mergulhamos no amor de Deus.

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim.

Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós.

As pessoas profanas não compreendem o valor da vida espiritual. Frequentemente, caçoam do aspirante à espiritualidade e às vezes, o ultrajam, tentando fazer-lhe injúrias. Mas, o religioso não reage a isso. Sua mente está fixada em Deus;

portanto, sente a unidade, enxerga a ignorância e é misericordioso. Não importa que seja criticado ou injuriado; não lhe interessa agradar às pessoas profanas.

Conta-se a história de um monge em viagem que, cansado, repousou sob uma árvore. Não tendo travesseiro, arrumou alguns tijolos e neles descansou a cabeça. Algumas mulheres transitavam pelo caminho, indo apanhar água no rio. Vendo o monge em repouso, disseram entre si: "Esse jovem tornou-se monge e ainda não consegue passar sem um travesseiro; usa tijolos em seu lugar!" Prosseguiram em seu caminho e o monge pensou: "Têm razão de criticar-me." Pondo de lado os tijolos, descansou a cabeça na terra. Logo depois, as mulheres voltaram e viram que tijolos haviam sido postos de lado. Então exclamaram com desdém:

— Que belo tipo de monge! Ofendeu-se quando dissemos que usava travesseiro. Veja, agora — pôs fora o travesseiro!

O monge refletiu: "Se uso travesseiro, criticam-me. Se deixo de usá-lo, também não lhes agrado. Impossível satisfazê-las. Deixe-me, pois, agradar apenas a Deus."

Nenhum homem verdadeiramente espiritual age tendo em vista causar boa impressão aos outros ou buscando prestígio para si. Às vezes sente exatamente o oposto, ou seja, se por amor de Deus for preciso ficar contra o mundo inteiro, ele ficará — e ficará sozinho. Ele não se preocupa com o que os outros pensem dele.

Em geral, quando alguém fala mal de nós ou tenta ofender-nos, somos instintivamente levados a aplacar nosso ego, e não a agradar a Deus; e sentimos vontade de revidar. Mas, se nos entregarmos a esse desejo de revidar — a ninguém mais causaremos danos a não ser a nós próprios; porque, quando irritados ou ressentidos, interrompemos nosso pensamento em Deus. Por isso, todos os grandes mestres espirituais têm ensinado como Cristo, a não revidar, a não resistir ao mal — mas sim, a rezar por aqueles que nos insultam e perseguem.

Naturalmente, nem todos podem conseguir a não-resistência. Para o homem que não vive em estado de consciência de Deus, que vê o mal — é seu dever combatê-lo. Para ele, a não-resistência seria uma desculpa para a hipocrisia ou para a covardia, e não uma virtude. Antes que um indivíduo esteja pronto para oferecer outra face, é preciso que esteja espiritualmente amadurecido; é preciso que tenha atingido a pureza

de coração. (Isto se discutirá mais detalhadamente no Capítulo.) Somente a alma iluminada, que vê Deus em todos os seres, pode conservar a paciência, a tolerância e a tranqüilidade perfeitas, em meio aos conflitos e às contradições da vida.

Ao longo da história da religião, encontramos essas almas iluminadas — santos e encarnações divinas que vivem o ideal da não-resistência e do perdão. Ao implorar na Cruz: "Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem", Cristo se torna o maior e mais famoso dos exemplos. Em nosso próprio tempo, Sri Ramakrishna tipificou o mesmo ideal, conforme ilustram as passagens a seguir.

Um padre no jardim do templo de Dakshineswar, onde vivia Sri Ramakrishna, enciumou-se porque Mathur Babu, o administrador dos bens do templo, preocupava-se com Sri Ramakrishna, e estava sempre presente à menor perturbação, a fim de garantir-lhe o bem-estar. Esse padre começou a pensar que Sri Ramakrishna lançara palavras mágicas sobre Mathur, para conservá-lo sob controle. Insistentemente implorava, pois, a Sri Ramakrishna que lhe revelasse a fórmula secreta desse sucesso. E todas às vezes, repetia-lhe o Mestre que não empregara poderes ocultos. Mas o padre não acreditava nele. Certo dia, estando Sri Ramakrishna em seu quarto, absorto na conscientização de Deus, o padre entrou sorrateiramente chutando-o e batendo-lhe até deixá-lo sangrando. Sri Ramakrishna não relatou o ocorrido a ninguém, a não ser muito mais tarde, depois que o padre pedira para deixar o templo por outra razão qualquer. Quando falou disso a Mathur, este exclamou: "Ah, pai, por que não me contou antes! Eu teria arrancado a cabeça dele!" Retrucou Sri Ramakrishna: "Justamente por isso não lhe contei... Ele não tinha culpa: estava sinceramente convencido de que eu dominava você por meios mágicos. Censuro-me por não o ter convencido de que eu dizia a verdade!"

Diz-nos Cristo que o céu é a recompensa daqueles que são perseguidos por causa de Deus. De igual modo, é imediata a recompensa da alma iluminada que não revida às injúrias recebidas, pois sabe que o céu está sempre presente, em seu interior como fora dele, mesmo nesta vida. Ele vê Deus sob a forma de Atman habitando em seu coração. Vê Deus sob a forma de Brahma penetrando todo o universo. Venera a Deus em cada criatura. As pessoas talvez pensem que o santo perseguido é um sofredor. Não percebem que a mente dele, absorta em Deus, transcende a consciência física, e que o santo superou as tribulações deste mundo, apesar de ainda viver na terra. Nas palavras do Bhagavad-Gíta:

Sua mente está morta Para o apeio das coisas exteriores:

Mas vive para A bem-aventurança de Atman.

E porque seu coração conhece Brahma, Sua felicidade é perene!

CAPITULO II

O SAL DA TERRA

Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que se há de salgar? Para nada mais serve, sendo para ser lançado fora e pisado pelos homens.

Na Índia, quando um discípulo busca um mestre, este, antes de mais nada, procura infundir-lhe confiança em si próprio, e o sentimento de que a fraqueza, a covardia e o fracasso não fazem parte da sua verdadeira natureza. No segundo livro do Bhagavad-Gita, quase às primeiras palavras de Sri Krishna — a encarnação divina — a Arjuna, lemos: "Que fraqueza é essa? Ela está abaixo de você... Livre-se dessa covardia!"

Assim como você vê o conteúdo de um armário de louça através de suas portas de vidro, assim um grande mestre vê o íntimo do seu coração. Entretanto, ele não o condena por suas faltas e fraquezas. Ele conhece a natureza humana. E porque sabe que, ao sentir-se fraco e deprimido, você não consegue realizar nada, não pode crescer espiritualmente — ele lhe transmite confiança em si mesmo.

O mestre não enxerga apenas o que você é agora, mas também as capacidades que você pode desenvolver. Há QO alguns anos, um jovem swami, deixando a Índia para ir pregar na América, procurou o Swami Turiyananda. Quando este grande discípulo de Sri Ramakrishna se pôs a elogiar com ênfase o jovem monge, este protestou: "Senhor, não tenho nenhuma das qualidades com que estás me elogiando!" Repliou-lhe Turiyananda: "Que sabes sobre ti mesmo? Vejo o que estás para revelar!" Temos todos o poder de revelar a divindade latente em nós; o mestre, porém, dá-nos confiança em nossa capacidade de fazê-lo.

Ao mesmo tempo, impõe-se lembrar a bem-aventurança: "Bem-aventurados os mansos..." A mansidão e a confiança em si mesmo precisam estar juntas. A fé que Cristo inculcava em seus discípulos, chamando-os de "sal da terra", não era a fé no Eu inferior, no ego, mas a fé no Eu superior, a fé no Deus dentro de nós. Com essa fé, vem a auto-submissão, a libertação de todo sentimento do ego.

Sri Ramakrishna ilustrava esta verdade com uma passagem da mitologia hindu. Contava ele como Radha, a mais ilustre das pastoras, preferida de Sri Krishna, tornou-se aparentemente assaz egoísta. Quando as outras pastoras se queixaram dela, aconselhou-as Krishna que a interpelassem.

— Claro que possuo um ego, disse Radha. — Mas, de quem é esse ego? Meu é que não é, pois tudo o que tenho é de Krishna!

Aquele que entrega tudo a Deus, não possui um ego, no sentido comum. Nem consegue ser vaidoso ou orgulhoso. Tem profunda fé no Eu verdadeiro de seu interior, o qual se torna um com Deus.

As palavras de Jesus: "Sois o sal da terra..." relembra-me outras que meu mestre costumava citar-nos:

"Vocês têm a graça de Deus, têm a graça do guru (mestre espiritual), e têm a graça dos devotos; mas, pela falta de uma única graça, vocês podem perder-se."

Qual é essa graça única? É a graça da própria mente, o desejo de lutar em prol da perfeição. Se, a despeito de todas aquelas graças que nos tornariam "o sal da terra", falta-nos a graça da nossa própria mente, podemos "ser pisados pelos homens". Precisamos empenhar-nos arduamente para entregar-nos por inteiro a Deus — a fim de que a divindade que está dentro de nós possa manifestar-se.

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte.

Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no candelabro, e assim ela brilha para todos os que estão na casa.

Um grande mestre espiritual concentra as almas puras à sua volta e as ensina, não apenas por palavras, mas também através da transmissão efetiva de espiritualidade. Não lhes dá simplesmente autoconfiança; ilumina de fato os corações de

seus discípulos e converte-os em luz do mundo. Somente aqueles que alcançaram a iluminação, através da união com a luz que mora no coração de todos, podem tornar-se a luz do mundo. Somente esses iluminados têm condição de ensinar a humanidade; somente eles podem dar continuidade à mensagem da encarnação divina. Quando Sri Ramakrishna encontrava alguém que desejava pregar a palavra de Deus, perguntava-lhe: "Você tem autorização divina?" Somente quem já viu Deus pode receber sua autorização, sua ordem direta para ensinar. A religião se perverte quando ensinada por pessoas não iluminadas. Não é bom fiar-se num diploma obtido em escolas de teologia: os livros não podem dar a iluminação. Pode-se estudar as escrituras, filosofia, história — pode-se ser versado em teologia, dogmas e doutrinas, e fazer sermões maravilhosos — e, no entanto, permanecer ainda como crianças no que tange à vida espiritual. A fim de transformar a vida das pessoas, é preciso primeiro acender a sua própria candeia.

De acordo com o Vedanta, há dois tipos de conhecimento. O primeiro, inferior, consiste no conhecimento acadêmico, como o das ciências e da filosofia. Mesmo o conhecimento das escrituras é considerado um conhecimento inferior. O segundo, o conhecimento superior, é a percepção imediata de Deus. A pessoa iluminada por esse conhecimento superior não precisa de informações enciclopédicas a fim de discorrer sobre as escrituras: ela ensina a partir da sua experiência interior.

Swami Adbhutananda, discípulo de Ramakrishna, era um desses iluminados. Entre seus irmãos monges, era o único que não tivera nenhuma educação formal. Veio até Ramakrishna como um menino de serviços, que nem sequer sabia escrever o próprio nome. Sri Ramakrishna tentou ensinar-lhe o alfabeto bengali, mas Adbhutananda não conseguia ler corretamente nem a primeira vogal. Entretanto, estivemos entre os privilegiados que mais tarde o encontraram e viram a sabedoria desse homem iletrado. Certa feita, alguns jovens monges depararam-se com uma passagem difícil dos Upanishads, as antigas escrituras dos hindus. Apesar de recorrerem a inúmeros comentários, não conseguiam captar-lhe o sentido. Por fim, pediram a Adbhutananda uma explicação. Como o Swami não soubesse sânscrito, os jovens parafrazearam a passagem na língua vernácula. Adbhutananda refletiu um instante, depois disse: "Entendi!" E usando de um exemplo simples, explanou-lhes a passagem — e eles acharam um sentido maravilhoso nela.

A pessoa que viu Deus não carece de conhecimento acadêmico para ensinar religião. Seu coração foi purificado e iluminado e sua luz se irradia e conforta a todos.

Ele não precisa sair à cata de discípulos. Sri Ramakrishna costumava dizer que, quando a flor de lótus desabrocha, as abelhas

afluem de toda parte, espontaneamente, em busca do mel. "Façam a lótus florir!" — repetia ele aos discípulos.

Quando um iluminado desse tipo aparece e os aspirantes espirituais se lhe agrupam em torno, eles não podem deixar de pensar em Deus e de amá-lo. Na presença dessa alma, eles sentem que a manifestação de Deus é fácil. Essa foi a minha experiência aos pés dos discípulos de Sri Ramakrishna. Não é difícil de entendê-lo: não há mistério nisso. Quando se visita um advogado, que espécie de pensamentos nos ocorre? Pensamentos de natureza jurídica. Junto de um médico, pensamos sobre doenças e remédios. Tais pensamentos nos vêm porque a pessoa com quem estamos vive nessa atmosfera particular. Assim também com o homem santo. Você pode não saber nada a respeito dele, mas a prova será esta: quando se chega à sua presença, o pensamento de Deus nos advém, ainda que a pessoa santa possa estar falando de algo absolutamente diferente.

Na verdade, é preciso ser um buscador da verdade de Deus para que se tenha essa susceptibilidade à atmosfera espiritual. Se não estivermos interessados na manifestação de Deus, pode o próprio Cristo pôr-se a nossa frente para ensinar-nos — e nós não lhe daremos valor nem reconheceremos sua grandeza. Dar-lhe-emos as costas, como o fez a maioria das pessoas há dois mil anos passados. Mas, se formos aspirantes da espiritualidade e nos virmos diante de uma alma iluminada, não saberemos fazer outra coisa senão glorificar a Deus, porque em sua presença sentiremos a presença do Pai. Era disso que falava Jesus quando disse aos discípulos:

Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus.

Depois acrescentou:

Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas, não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento.

Porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, não será omitido um só iota, uma só vírgula da Lei, sem que tudo seja realizado.

Aquele, portanto, que violar um só destes menores mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os praticar e os ensinar, esse será chamado grande no reino dos céus.

Jesus fala aqui da missão da encarnação divina, chamada de avatar pelos hindus e de Filho de Deus pelos cristãos.

O conceito de avatar evoluiu da teoria do Logos, tanto na filosofia ocidental como na oriental. No Ocidente, os gregos foram os primeiros a desenvolver a teoria do Logos, lançando uma ponte entre a distância que separa o homem de Deus, o conhecido do desconhecido. Nos primórdios, o Logo identifica-se com um ou outro dos elementos físicos. Platão definiu o Logos como a finalidade cósmica, o Bem supremo ao qual se submetem todas as idéias menores — isto é, os arquétipos eternos das coisas, das relações, das qualidades e dos valores. Mais tarde, os estóicos negaram a validade dos arquétipos platônicos que se situavam além dos sentidos. Para eles, o princípio da razão era imanente e atuante no universo. Filo, judeu alexandrino contemporâneo de Jesus, combinou a razão estóica com o transcendentalismo de Platão e ligou-os com o hebraísmo. Afirmou ele que o Logos não só era imanente no universo, como ainda o transcendia, formando uma unidade com Deus. Autor do quarto Evangelho empregou depois a teoria do Logos de Filo como base para sua interpretação da vida de Cristo, dando-lhe, porém, nova visão, adequada às necessidades do Cristianismo. Além de atribuir personalidade real ao Logos, ele enfatizou não o seu aspecto criador, mas a sua função redentora, a sua transmissão de espiritualidade aos homens. Além disso, salientou a concepção do Logos como Palavra (Verbo), mais do que razão, interpretando-o como expressão da vontade divina, efusão da bondade, poder, luz e amor de Deus. Citando São João:

"No princípio era a Palavra e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus. No princípio ela estava com Deus... E a Palavra se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade."

O Logos, "o unigênito do Pai", "se fez carne" em Jesus Cristo.

Nos Vedás (as escrituras mais antigas do mundo), encontramos passagens quase idênticas à sentença de abertura do Evangelho segundo São João: "No princípio era o Senhor das Criaturas: depois dele vinha a Palavra." "A Palavra era na verdade

Brahma." Segundo os hindus, Brahma, induzido por maya, seu poder criador (base da mente e da matéria), manifesta-se inicialmente como a Palavra eterna não-distinguível, a partir da qual se origina depois o mundo concreto e sensível. Para os hindus, portanto, a Palavra encarna-se em todos QS seres, cada um dos quais pode manifestar Deus através do poder divino da Palavra. Mas, como São João, acreditam os hindus que, num sentido especial, o Logos se faz carne no avatar — sendo este um descendente de Deus, enquanto o homem comum ascende para Deus.

Entre os conceitos da encarnação divina dos hindus e os dos cristãos existe esta diferença importante: os cristãos crêem num acontecimento histórico único, que Deus se fez carne apenas uma vez e para todo o sempre, na pessoa de

Jesus de Nazaré. Mas os hindus acreditam que Deus manifesta-se como homem muitas vezes, em diferentes tempos e formas.

Em apoio ao seu ponto de vista de que Jesus foi o único representante de Deus na terra, os cristãos citam com freqüência suas palavras: "Sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém chega ao Pai, a não ser por mim." Todavia, quando estudamos as palavras de outros mestres universais, descobrimos que eles fizeram afirmações quase idênticas, declarando-se igualmente como encarnações da divindade. Por exemplo, diz Sri Krishna:

"Sou a meta do homem sábio e sou o caminho." "Sou o fim da estrada, a testemunha, o Senhor, o Sustentáculo. Sou o lugar de residência, o começo, o amigo e o refúgio." "Os idiotas passam sem ver pelo lugar de minha moradia, aqui sob a forma humana: e nada sabem de minha grandiosidade — que sou o Senhor, a alma deles." "Enchei vossos corações de mim, adorai-me, fazei de todos os vossos atos uma oferenda a mim, curvai-vos a mim em auto-sujeição, Se dessa forma descansardes em mim vossos corações, e me tomardes por vosso ideal, acima de todos os outros, converter-vos-eis em meu Ser."

Similarmente, Buda revela-se como o caminho: "Sois meus filhos, sou vosso pai; através de mim vós vos libertastes de vossos sofrimentos. Tendo eu próprio alcançado a outra margem, ajudo os demais a cruzarem a correnteza; tendo obtido a salvação, sou um salvador para os outros; tendo sido confortado, conforto os demais e conduzo-os a lugar seguro." "Meus pensamentos estão sempre na verdade. Vejam! Meu

eu converteu-se na verdade. Todos quantos compreendem a verdade verão o Abençoado!”

Que devemos fazer? De quem aceitaremos a palavra? — De Jesus, de Krishna ou de Buda? A questão é a seguinte: Se tomarmos o "Eu" desses mestres como se referindo a uma mera pessoa histórica, jamais entenderemos suas afirmações. É preciso saber que quando Jesus, Krishna ou Buda dizem: "Eu", não estão afirmando o ego, o eu inferior, como as almas ordinariamente corporificadas o fazem. Eles estão afirmando sua divindade, sua identidade com o Eu universal. Estão nos dizendo que o Pai, a Divindade, é alcançada pela graça do Filho, a encarnação. Para o hindu, as afirmações destes avatares não são contraditórias — trazem igual verdade, evocadas que são pela mesma inspiração divina. Por isso o hindu aceita todos os grandes filhos de Deus que são venerados pelas diversas religiões.

Evidentemente, a validade dos avatares não se prova pela pretensão deles de serem a via da iluminação ou salvação. Em primeiro lugar, ela se revela pelo poder que eles têm de transmitir espiritualidade e de transformar a vida dos homens pelo contato, pelo olhar ou pela simples vontade. Jesus manifestou esse poder quando soprou sobre os discípulos e lhes disse: "Recebam o Espírito Santo." Sri Krishna manifestou o mesmo poder ao dar a Arjuna a visão divina, de tal sorte que o discípulo podia ver a forma universal de Deus. Em segundo lugar, a validade dos avatares mostra-se pela revelação de sua divindade na transfiguração. Jesus transfigurou-se diante de Pedro, Tiago e João. Sri Krishna transfigurou-se diante de Arjuna, conforme vem descrito no capítulo XI do Gita. A vida e o Evangelho de Sri Ramakrishna registram exemplos em que o mestre concretizou a manifestação de Deus aos discípulos pelo toque, e apareceu transfigurado a vários devotos, segundo a forma em que concebiam a aparência de Deus.

Mas, pode-se perguntar: Por que Deus se manifestaria mais de uma vez? Qual a finalidade disso? A resposta pode ser encontrada na teoria hindu, confirmada pela história, de que a cultura espiritual caminha por ondas, por sucessivos altos e baixos. Após a queda da vida espiritual de uma nação, quando a verdade e a justiça são desprezadas e esquecidas, nasce um avatar para reavivar a chama da religião nos corações. Diz Sri Krishna:

Quando a bondade fraqueja,

Quando cresce o mal,

Torno-me um corpo.

Retorno a cada época

Para libertar o sagrado,

Para destruir o pecado e o pecador,

Para restabelecer a justiça.

Como se fosse para cumprir a promessa de {Sri Krishna, surgiu Buda. À época do nascimento de Buda, a cultura espiritual na Índia estava em maré baixa; ela consistia unicamente no cumprimento de rituais e sacrifícios, pois o povo esquecera o simples fato de que religião é antes de tudo uma questão de experiência pessoal. Analogamente, no tempo do advento de Jesus, as exteriorizações da fé judaica usurpavam sua verdade interior: ele veio para purificar e reavivar a religião dos judeus.

Assim, de tempos em tempos, impõe-se a i encarnação divina, a fim de restaurar o espírito eterno da religião. Por seu exemplo vivo, a encarnação mostra à humanidade como ela pode ser perfeita, à semelhança do Pai no céu. O avatar torna-se então o caminho, a verdade e a vida. Entretanto, é sempre o mesmo Espírito supremo que se corporifica no avatar. Deus é o único sem duplicidade. Ele, que veio como Krishna e Buda, ressurgiu como Cristo e outros avatares: apenas escolhe diferentes vestes. Para responder às necessidades particulares de cada época, a cada nova vinda, revela Deus uma manifestação característica e renovada da verdade eterna da religião.

Quando um avatar nasce na terra, ele assume o corpo humano com algumas conseqüentes limitações e privações, como fome e sede, doença e morte. Mas, seu advento difere radicalmente do nascimento das almas comuns corporificadas. Nas palavras de Jesus: "Vós vindes de baixo, eu sou décima!" Do ponto de vista hindu, as almas comuns nascem em decorrência do seu karma (resultado de seus pensamentos e ações passados). Elas nascem num determinado ambiente, com aptidões específicas ditadas pelos desejos e tendências por elas criados numa vida anterior. São produtos da evolução; estão presas pelos grilhões da ignorância e vivem sob o fascínio de maya, o poder oculto de Brahma, que faz a realidade absoluta aparecer como o universo de múltiplos nomes e formas. São escravos do Prakriti, da natureza primitiva.

O nascimento de um Krishna, de um Buda ou de um Jesus, entretanto, é resultado de uma escolha livre: não possui ele karmas, nem desejos, nem tendências passadas; não está sujeito à dominação de maya, mas submete maya à sujeição; aparece sob a forma humana apenas com o fito de fazer o bem, condoído pela humanidade. Diz Krishna:

Sou o não-nascido,
o que não morre,
Senhor de tudo o que respira.
Parece que nasci:
É apenas aparência,
Apenas o meu maya.
Sou ainda o mestre
De meu Prakriti,
O poder que me faz.
Aquele que conhece
A natureza de minha obra e de meu nascimento
Não renasce
Ao deixar este corpo:
Vem para mim.

Comparem-se estas linhas com as palavras da Bíblia: "*Mas, a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus, mesmo àqueles que acreditam em seu nome.*"

Adorar um Cristo ou um Krishna é adorar a Deus. Não é, porém, adorar um homem como Deus, adorar uma pessoa. É adorar o próprio Deus, a Existência impessoal-pessoal na encarnação e através dela; é adorá-la como uma com o Espírito

eterno, transcendente como o Pai e imanente em nossos corações. Neste contexto, o testemunho de São Paulo sobre Cristo é de importância relevante. Diz ele:

"Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. E nele fostes levados à plenitude, Ele que é a cabeça de todo principado e poder."

De igual peso é a afirmação de São João de que a mesma Palavra que era "no princípio" e "era Deus" se fez carne em Cristo. Nesta passagem, o autor do quarto Evangelho lembra-nos que seu mestre não era um mero homem histórico, mas que é o Cristo eterno, um com Deus desde os tempos sem princípio. Este ponto de vista parece validado por Jesus, ao dizer: "Antes que Abraão existisse, eu sou."

Um hindu, pois, acharia fácil aceitar Cristo como uma encarnação divina e adorá-lo sem reservas, exatamente como adora Sri Krishna ou outro avatar de sua escolha. Mas não pode aceitar Cristo como o único filho de Deus. Os que insistem em encarar a vida e os ensinamentos de Jesus como únicos, certamente terão grande dificuldade para compreendê-los. Qualquer avatar pode ser muito mais bem entendido à luz de outras grandes vidas e doutrinas. Nenhuma encarnação divina jamais veio para refutar a religião e a doutrina de outro, e sim para cumprir todas as religiões, porque a verdade de Deus é uma verdade eterna. Disse Santo Agostinho:

"Aquilo a que chamamos religião cristã existia entre os antigos, e nunca deixou de existir desde o começo da raça humana, até que Cristo se fez carne, quando então a religião verdadeira, que já existia, começou a ser chamada de Cristianismo."

Se Jesus, na história do mundo, tivesse sido a única fonte geradora da verdade de Deus, ela não seria a verdade; porque a verdade não pode ser gerada: ela existe. Mas se Jesus simplesmente revelou e interpretou essa verdade, então podemos olhar para os outros que fizeram o mesmo antes dele e da mesma forma o farão depois dele. E, de fato, à medida que lemos os ensinamentos de Jesus, descobrimos que ele deseja de nós todos que descubramos a verdade: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." Ele veio — como declara — não para destruir a verdade eternamente existente, mas para cumpri-la. Isto ele fez, reafirmando-a, dando-lhe vida nova através de uma apresentação renovada.

Reiteradamente, esquecem os homens que essas apresentações das encarnações divinas visam a revelar-se em suas próprias vidas. Agarram-se por demais

às palavras, à aparência externa da mensagem do avatar e perdem de vista o espírito subjacente a ela. Tais são os escribas e os fariseus; os guardiões ciumentos de uma tradição que se tornou obsoleta. Daí dizer Cristo:

Com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.

Os escribas e os fariseus esquecem o primeiro mandamento: "Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente." São pessoas muito éticas, corretas em seu modo de vida; prendem-se, porém, às formas e observâncias exteriores, o que os leva à intolerância, à estreiteza e ao dogmatismo. A justiça que ultrapassa a dos escribas e dos fariseus é exatamente o oposto disso. É uma ética que encara a observância das formas e dos rituais não como um fim em si mesmo, mas como meios para entrar no reino dos céus.

Deus está além do bem e do mal relativos. Ele é o Bem absoluto. Quando nos unimos a ele em nossa consciência, vamos além da justiça relativa. Essa verdade é com freqüência mal compreendida: não significa que devemos desculpar a imoralidade, pois a ética é o fundamento real da espiritualidade. Ao nos iniciarmos na vida espiritual, é preciso que nos abstenhamos conscientemente de fazer mal aos outros; que nos abstenhamos da mentira, do roubo, do desregramento e da avidez; impõe-se que observemos a pureza física e mental, o contentamento, o autocontrole e a lembrança contínua de Deus.

Mas o desejo de viver uma vida verdadeiramente ética e de praticar as disciplinas espirituais vem-nos apenas se decidirmos viver o primeiro mandamento — se aprendermos a amar a Deus e a lutar por manifestá-lo. Sem este ideal, a moralidade degenera para o decoro exterior dos escribas e dos fariseus. Se, porém, o primeiro mandamento é observado, então o segundo se segue como decorrência natural. Quando amamos Deus, precisamos amar nosso próximo como a nós mesmos — porque nosso próximo é o nosso próprio eu.

Pela prática do autocontrole, pela contenção interior das paixões, desenvolvemo-nos espiritualmente na direção da união com o Deus absoluto. A pessoa que atinge este estágio supremo não precisa fazer distinção consciente entre o certo e o errado, nem praticar o autodomínio. A santidade e a pureza tornam-se sua verdadeira natureza. Ela transcende a justiça relativa e entra no reino dos céus.

Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás. Aquele que matar será réu de juízo.

Eu, porém, vos digo: todo aquele que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo. Aquele que chamar a seu irmão: Raça — será réu do Sinédrio. E qualquer que lhe disser: Louco! — será réu do fogo do inferno.

Não basta observar o mandamento: "Não matarás!" Mesmo o pensamento de matar, de odiar, é tão mortal quanto o próprio ato. Podemos achar que não importa o que pensemos desde que ajamos corretamente. Mas, quando chega a hora da provação, acabamos por trair-nos, porque os pensamentos controlam os atos. Na hora da provação, se nossas mentes estão cheias de ódio, esse ódio se traduzirá em atos de violência, de destruição, de morte. Postar-nos no púlpito e falarmos sobre o amor não nos ajudará; não acabará com a guerra e com a crueldade — se faltar amor em nossos corações. O amor não virá a nós simplesmente porque dizemos que o possuímos, ou porque procuramos impressionar os outros com a doçura aparente de nossas naturezas. Ele ocorrerá somente quando tivermos controlado interiormente nossas paixões e tivermos dominado nosso ego. Então o amor divino crescerá em nós e, com ele, o amor aos nossos semelhantes. Mas o amor de Deus conquista-se com a autodisciplina, que deixamos de pôr em prática. Esquecemo-nos da finalidade da vida: a percepção e a visão de Deus. Esta é a nossa real dificuldade e é por isso que, quando Jesus nos pede que amemos nossos inimigos, somos incapazes de obedecer-lhe, mesmo que o queiramos. Não sabemos como fazer.

Não podemos amar a Deus e odiar nosso próximo. Se, de fato, amamos a Deus, nós o encontraremos em todos; assim, como podemos odiar alguém? Se prejudicamos alguém, prejudicamos a nós próprios; se ajudamos alguém, ajudamos a nós próprios. Todos os sentimentos de separação, de exclusivismo e de ódio não são apenas moralmente errados — são também ignorância, porque negam a existência da Divindade onipotente.

Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrar de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois vem e apresenta a tua oferta.

Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho, para não acontecer que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial e, assim, te encerrem na prisão.

Em verdade te digo que de maneira alguma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil.

Até que alcancemos efetivamente a união com Deus, claro que é absolutamente natural a ocorrência de disputas e desentendimentos entre nós e os outros. É preciso, porém, que não deixemos o ressentimento permanecer em nós; caso contrário, ele nos corroerá os corações como um câncer. Cristo que, como todos os mestres verdadeiramente espirituais, era grande psicólogo, ensinou que devemos reconciliar-nos o mais cedo possível com nosso irmão, antes de oferecermos nossa oferenda a Deus. Todos quantos tenham praticado a meditação compreenderão imediatamente quão profundo é este ensinamento.

Suponha que alguém o tenha ofendido e que você se irritou. Ao começar a meditar, o que acontece? A oração e a meditação concentram a mente e intensificam as emoções. Conseqüentemente, o montículo de irritação converte-se numa montanha de raiva. Você começa a imaginar coisas terríveis sobre a pessoa que o ofendeu. Você acaba por sentir-se incapaz de meditar e de rezar, incapaz de chegar-se de Deus, enquanto não se reconciliar sinceramente com seu irmão. Só há um meio de sentir-se sinceramente reconciliado: procurar ver Deus em todos os seres e amá-lo neles todos. Se você se irritou com seu irmão, reze por ele como você o faz por você mesmo; reze para que ambos possam crescer no entendimento e na devoção a Deus. Logo você alcançará a espiritualidade. Mas, se guardar a raiva no coração, você ferirá tanto a si mesmo quanto a seu Irmão.

Ensina-se no Budismo e no Vedanta que é dever do homem rezar pelos outros antes de rezar por si mesmo. Pede-se que mandemos um pensamento de boa-vontade a todos os seres antes de nos oferecermos a Deus. Semelhante prática é um estágio significativo na conquista do amor ao nosso próximo e a Deus.

"Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás com ele no caminho..." Cristo está nos ensinando que não podemos perder tempo e energia em discussões e ressentimentos, mas que devemos refazer-nos tão rapidamente quanto possível no pensamento de Deus. Perceber Deus — eis o nosso propósito de vida;

portanto, é preciso que procuremos manter-nos conscientes dele com poucas interrupções e que elas sejam as menores possíveis. "Joga fora todas as conversações inúteis" — dizem-nos os Upanishads. "Conhece apenas a Atman." O desejo de discutir e de brigar é um sinal do ego. Se desejarmos encontrar Deus, precisaremos eliminar o ego e humilhar-nos — não diante de nosso adversário, mas diante do Deus que está dentro dele. Não te submetas jamais a um adversário poderoso por temeres a consequência de desagradá-lo; isso seria covardia. Faze distinção, porém, entre princípios e opiniões. Diz um ditado hindu: "Dize, 'sim, sim' para todos, mas conserva firme a tua posição!" Não te comprometas com ideais e princípios. Mas, em se tratando de opiniões, aprecia pontos de vista diferentes dos teus, e aceita-os quando valerem a pena. Swami Turiyananda dizia:

"Teimosia não é força. A teimosia apenas mascara a própria fraqueza. Forte é quem é flexível como o aço e não quebra. Forte é quem pode viver em harmonia com muitas pessoas e pode dar atenção a opiniões que não sejam as suas."

Se fores intolerante com as opiniões alheias e insistires teimosamente em teres teu próprio jeito de ser, sofrerás as consequências até que "tenhas pago o último ceutil".

Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério.

Eu, porém, vos digo: Todo aquele que atentar numa mulher para a cobiçar já cometeu adultério com ela em seu coração.

Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e lança-o para longe de ti, pois é preferível que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.

E se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e lança-a para longe de ti, pois é preferível que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.

Foi dito: Qualquer que deixar a sua mulher, dê-lhe uma carta de divórcio.

Eu, porém, vos digo: Todo aquele que repudia a sua mulher, a não ser por motivo de fornicção, faz que ela cometa adultério; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério.

Neste ponto, Jesus está falando da necessidade do autodomínio, do controle mental das paixões, particularmente da luxúria. Apenas abster-se das ações lascivas não basta; os pensamentos lascivos também precisam ser contidos.

Existem, por certo, muitos mestres que diriam: "Sim, concordamos; um refreamento interior das paixões é, sem dúvida, necessário. Nossos jovens precisam empregar o autocontrole." Entretanto, pouquíssimos dentre estes mestres saberiam responder por que o autocontrole é necessário. É por isso que os jovens de hoje os questionam, e chegam mesmo a supor que os mestres odeiam o prazer pelo próprio prazer, porque são velhos demais para dele participarem. "que importa o que fazemos", diz o jovem, "se não ofendemos ninguém mais?" Quanto a isto estão sendo perfeitamente honestos e sinceros.

De nada adianta dizer-lhes que os prazeres são maus, ou que é errado ser feliz, porque eles jamais acreditarão: o instinto lhes diz que estamos mentindo. Quando falamos sobre o pecado, eles se mostram indiferentes. Mas, se pararmos de chamá-los de pecadores, e começarmos a falar-lhes que Deus está dentro de cada um deles; se sustentarmos o ideal da percepção de Deus, mostrando-lhes que a batalha pela autodisciplina é dura, mas estimulante, como o treino para os atletas; se lhes mostrarmos que, dissipando-se, privam-se a si mesmos da maior alegria da vida, alegria muitíssimo maior do que todos os seus prazeres mundanos — estaremos então falando uma linguagem que eles podem entender. Talvez sejam céticos, mas alguns deles pelo menos desejarão tentar a vida espiritual por conta própria.

O ideal da continência tem sido tão mal-apresentado nos Estados Unidos que quase todos o encaram como algo negativo, como um "não seja". Não seja incontinente, dizem as igrejas: isso é pecado! Dessa forma, para a grande maioria, que instintivamente odeia os "não", a idéia de continência tornou-se um desestímulo, associando-se à repressão, à tristeza e à covardia; ao passo que o conceito de incontinência torna-se cada vez mais atraente, associando-se à liberdade, à alegria e à coragem. Esse mal-entendido terrível e destrutivo, se não for corrigido, acabará por envenenar a vida de toda a sociedade. A menos que os rapazes e as moças aprendam a ligação existente entre a continência e a vida espiritual, gastarão gradualmente suas forças, perderão a possibilidade de crescimento espiritual e, com ela, toda a criatividade genuína, toda a consciência efetiva.

Continência não é repressão; ela acumula energia e dirige essa energia para melhores usos. Não é um fim em si, mas um meio indispensável para conter a mente contra paixões dispersivas e mantê-la na conscientização de Deus. A energia sexual controlada converte-se em energia espiritual. Para aquele que se mantém continente, o crescimento espiritual vem de forma rápida e fácil.

Muita gente pensa que, sendo continente, perde o maior prazer que o mundo pode oferecer; mas um fato curioso é que, na realidade, não perde coisa alguma. À medida que a energia sexual é conservada e se transforma, as pessoas encontram um prazer novo e muito mais intenso, que cresce dentro delas; e esta é a alegria de se alcançar cada vez mais intimamente a união com Deus.

No Bhagavad-Gíta, o estado da mente do homem autocontrolado vem descrito da seguinte forma:

A água corre continuamente para o oceano.

Mas o oceano jamais se descontrola:

O desejo afluí na mente do vidente, Mas ele jamais se descontrola.

O vidente conhece a paz:

O homem que incita a própria concupiscência Jamais conhecerá a paz.

Só conhece a paz quem esqueceu o desejo.

Este vive sem avidez:

Livre do ego, livre do orgulho.

A pessoa mundana pode pensar que a paz do vidente é como a quietude da sepultura. Ao contrário — trata-se de uma experiência de alegria suprema e permanente, comparada à qual as satisfações passageiras, provadas na vida sensível, parecem insípidas e sem importância. Se desejamos encontrar felicidade e paz duradouras, precisamos voltar-nos para Deus. Quanto mais nos devotarmos a ele, mais o desejo da satisfação dos sentidos nos abandonará — e a castidade e as outras virtudes desabrocharão naturalmente em nossas vidas.

A continência completa e perpétua é para aqueles que têm uma dedicação especial a Deus, como o fizeram os discípulos do Cristo. Eram monges e seu mestre treinava-os a fim de que se convertessem em doutrinadores de homens. Portanto, ele empregava palavras incisivas para recordar-lhes que deviam preservar a continência do pensamento, da palavra e da ação. Para eles, era importante arrancar todos os desejos da mente e renunciar a todos os motivos de tentação. Mas, porque Cristo sabia que seu ensinamento de renúncia total não podia ser observado universalmente, ele acrescentou:

"Nem todos são capazes de compreender essa palavra, mas só aqueles a quem é concedido. Com efeito, há eunucos que nasceram assim, desde o ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Quem tiver capacidade para compreender, compreenda."

A luxúria está na mente e carece de ser vencida pelo controle da mente, não, porém, de forma negativa. Alimentar pensamentos lascivos, enquanto se observa uma continência no exterior — isso não é autocontrole. Isso não passa de repressão. E não estimulará a pessoa a purificar a mente; apenas enfraquece o corpo. O verdadeiro autodomínio ou controle interior é alcançado somente quando as pessoas se transformam em eunucos, "por causa do reino dos céus"; se praticam a continência porque sabem que os prazeres mundanos são insípidos e vazios, comparados à alegria de Deus.

Ouvistes também que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos para com o Senhor.

Eu, porém, vos digo: Não jureis em hipótese alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo dos seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei.

Nem jurarás pela tua cabeça, porque não tens o poder de tornar um cabelo branco ou preto.

Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disso vem do maligno.

Sri Ramakrishna costumava dizer que Deus sorri em duas ocasiões. Sorri, quando dois irmãos repartem a terra entre si, dizendo: "Este lado pertence a mim, e

aquele a você” Ele sorri, dizendo a si mesmo: "Este universo todo é meu; e eles dizem a respeito de um pedacinho da terra — este lado me pertence, e aquele te pertence'." Deus volta a sorrir quando o médico diz à mãe que chora, face à doença grave de sua criança: "Não se preocupe. Vou curar sua criança." médico não se dá conta de que ninguém pode salvar a criança, se Deus desejar que ela morra.

Na passagem acima, Cristo nos diz a mesma coisa. Apesar de não poder tornar "um fio de cabelo branco ou preto", em sua ignorância o homem pensa que pode fazê-lo.

Afirma seu ego, esquecido de que o poder de que se vale em cada pensamento, em cada ação, é o poder de Deus, o céu de Deus, o trono de Deus, a terra de Deus que ele tenta usurpar. Diz-nos, pois, o Cristo: "Não perjures nunca", porque ao perjurar, afirmamos o ego.

As pessoas verdadeiramente espirituais jamais planejam: "Vou fazer isto, vou fazer aquilo." Tendo submetido o ego a Deus, seu primeiro pensamento é: "Se for a vontade do Senhor..." Sua humildade resulta da constatação de que Deus e seu poder operam através de nós — de que Deus é o autor e nós seus instrumentos. Esta é uma experiência efetiva nas vidas dos santos. Um homem santo disse-me certa vez que ele vivia por algum tempo num estado de consciência em que sentia vivamente que cada um de seus passos era guiado pelo poder de Deus.

"Não eu, não eu, mas tu, Senhor!" Quanto mais nos firmamos nesta idéia, tanto mais renunciamos ao pensamento do próprio eu, maior será a nossa conquista de paz.

CAPÍTULO III

NÃO RESISTAIS AO MAL

Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente:

Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal: mas se alguém te esbofetear na face direita, oferece-lhe também a outra;

E ao que quiser pleitear contigo para te tirar a túnica, deixa-lhe também o manto;

E se alguém te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

Dá a quem te pedir e a quem quer de ti emprestado, não lhe voltes as costas.

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo.

Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai aos que vos maltratam e vos perseguem;

Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus: porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos.

Pois, se amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?

E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?

A maior verdade que tem sido ensinada pelos grandes mestres espirituais da humanidade é que devemos amar nossos inimigos e não resistir ao mal. Buda, por exemplo, disse:

"Se um bandido infame te retalhasse, membro a membro, com uma serra de cabo duplo, mesmo assim o homem que cedesse à ira não estaria obedecendo a meus ensinamentos. Mesmo assim, seja tua obrigação preservar teu coração impassível, jamais permitindo que uma palavra má escape de teus lábios, mas permanecendo

sempre dentro da compaixão e da boa-vontade, sem ódio no coração, envolvendo em pensamentos radiantes de amor ao bandido (que te tortura), e continuando depois disso a envolver o mundo todo em teus pensamentos radiantes de amor — pensamento imenso e além das medidas, onde não há ódio nem indício de dano.”

Todavia, embora a não-resistência tenha sido pregada por todas as grandes religiões, é uma prática que muita gente acha quase impossível entender e seguir. É significativo que Jesus, depois de ensinar a não-resistência, prosseguiu dizendo: "Sede perfeitos..." Em outras palavras, cumprir esta verdade em nossas próprias vidas levar-nos-ia à perfeição. De fato, somente aquele que é perfeito, que realizou sua união com Deus, que consegue enxergar a Existência divina em todos os seres, pode voltar a outra face e viver no amor universal. Para o homem que alcançou a perfeição, a não-resistência é uma efusão espontânea da sua experiência de Deus. Onde está o mal, então? Quem é inimigo?

Temos exemplos de homens santos que praticaram a não-resistência em nossa própria época. Um dia, meu mestre, Swami Brahmananda, estava praticando disciplinas espirituais austeras em Brindavan, cidade ligada à infância de Krishna. Enquanto ele estava sentado sozinho em meditação, um estranho aproximou-se e estendeu um cobertor quente e novo ao lado dele. Minutos depois, outro estranho veio e carregou com o cobertor. Swami Brahmananda em instante algum se moveu. Sorriu para si mesmo, apreciando o jogo divino.

Pavhari Baba, um santo da Índia do século XIX, surpreendeu certa feita um ladrão no ato de furtar seu ashram. Assustado, o ladrão correu, derrubando seu embrulho de coisas roubadas. O venerável homem tomou do pacote, correu atrás do assaltante, depositou-lhe aos pés o embrulho e, cruzando as mãos no peito, implorou-lhe que aceitasse os bens. Livre de qualquer sentimento de ego ou de posse, Pavhari Baba sentia que tudo pertence a Deus e via realmente Deus em todos os seres, mesmo no ladrão. O ladrão, casualmente, tornou-se mais tarde discípulo de Pavhari Baba.

A não-resistência perfeita é rara porque poucas pessoas lutam por conseguir o estado espiritual sublime que as levaria a praticá-la. Existe grande variedade no caráter e nos níveis de crescimento espiritual da humanidade. Mesmo que todos os homens tivessem iguais oportunidades — o que freqüentemente não ocorre — eles não poderiam crescer e ter êxito de maneira semelhante e em igual extensão, pois seus

temperamentos e tendências diferem entre si. A variedade e a unidade na variedade constituem a lei uniforme da criação. Remova a variedade, e o mundo se extinguiu. Os eventos do crescimento e da morte, e a própria vida, contradizem qualquer teoria de igualdade e uniformidade. Todos merecem oportunidades iguais, sem dúvida; quando, porém, se trata de questões do bem e do mal, as diferenças entre os homens devem ser levadas em conta; eles devem enfrentar as situações de formas distintas.

Essas diferenças trazem problemas sérios para a conduta humana. Em artigo intitulado: "O fundamento religioso do humanitarismo", Paul Elmer More procurou solucionar tais problemas, distinguindo as virtudes espirituais das mundanas. Ele disse:

"Aplicar as leis do espírito às atividades deste mundo é o mesmo que profanar e negar a religião, além de transtornar e perturbar a ordem social."

Afirma ele, com efeito, que em nossos relacionamentos com pessoas que não são inspiradas por virtudes religiosas não podemos praticar virtudes como a humildade e a não-resistência, em sua forma mais elevada; se o fizermos, a própria estrutura da sociedade será solapada. Em lugar delas, convém que se coloquem em prática as virtudes aristotélicas ou cardeais de justiça: temperança, prudência e fortaleza.

Vedanta vai ainda além do Dr. More ao reconhecer diferenças éticas e comportamentais. É crença fundamental do Vedanta que a Realidade única, ou Deus, habita nos corações de todos os seres. Entretanto, ele não se manifesta igualmente em todos os seres, os quais também não vivem de forma igual em Deus. Desse modo, o Vedanta admite o fato de que a sociedade humana tem gradações. As implicações disto são definidas por Swami Vivekananda:

"Temos pela frente dois caminhos: o do ignorante, que pensa existir apenas um caminho para a verdade, sendo todos os demais errados; e o caminho do sábio, para quem, de acordo com nossa constituição mental, ou com o plano de existência onde nos encontramos, o dever e a moral podem variar. "O importante é saber que há gradações do dever e da moral, que o dever de um estado de vida, dentro de determinadas circunstâncias, não será nem pode ser o mesmo de outro qualquer."

Assim, em vez de traçarmos uma linha de distinção nítida entre as virtudes mundanas e as espirituais, como o fez More, o Vedanta indica a existência de uma gradação de virtudes — virtudes que diferem em função dos diversos tipos e condições

da humanidade. Entretanto, isso não significa que o ideal universal de não-resistência e de não-violência deva acomodar-se ao temperamento individual: o elevado objetivo espiritual de vida deve ser mantido diante dos olhos por todas as pessoas. Ao mesmo tempo, importa que se reconheçam diferentes níveis de ser, de tal sorte que todos se capacitem, passo a passo, mais cedo ou mais tarde, a alcançar o Bem supremo.

A não-resistência é reconhecida, pois, pelo Vedanta, como a mais alta virtude; mas nem por isso se espera que todas as pessoas, em quaisquer circunstâncias, correspondam a ela em sua forma mais elevada. Ao contrário, mostra o Vedanta que alguns precisam aprender a resistir ao mal, e crescer a tal ponto em força moral que possam suportá-lo. Considere-se a pessoa que não resiste porque é fraca ou indolente, e não faz esforço nenhum para ser assim. Haverá algum mérito nesse tipo de não-resistência? Considere-se agora uma outra que sabe que pode agredir violentamente seu inimigo, caso queira, e no entanto não agride, mas o abençoa. Nas palavras de Vivekananda:

"Aquele que não resiste por fraqueza, comete pecado, não podendo, pois, receber nenhum benefício, em troca de sua não-resistência; enquanto o outro cometeria pecado, caso oferecesse resistência."

Vale dizer: precisamos nos munir da força para resistir; uma vez alcançada essa força, devemos renunciar a ela. Somente então a não-resistência torna-se uma virtude. Mas, se formos fracos ou indolentes e fingirmos para nós mesmos que somos incitados pelos mais altos motivos, não merecemos louvor. Da não-resistência oriunda da força, disse Swami Vivekananda:

"... esta não-resistência é a manifestação mais elevada de um poder autêntico, e o que chamamos de resistir ao mal não passa de uma etapa nessa direção."

Certa vez, um jovem discípulo de Sri Ramakrishna atravessava o Ganges numa balsa, indo de Calcutá para visitar seu mestre. Outros passageiros falavam mal de Ramakrishna, dizendo que ele não era um homem afeito a renúncias, e sim um hipócrita que gostava das coisas boas da vida. Ouvindo isso, seu discípulo protestou; os passageiros, porém, ignoraram-no e continuaram a criticar Ramakrishna. O discípulo então ficou furioso e, saltando para junto deles, ameaçava afundar a embarcação. Os passageiros viram que o jovem era forte, e bem capaz de levar a cabo a ameaça. Assustados, pediram desculpas e não pronunciaram mais nenhuma palavra contra Sri

Ramakrishna durante o resto da viagem. Mais tarde, relatando ao mestre o incidente, este se desagradou: "Seja indiferente ao que as pessoas vis dizem" — respondeu ao jovem. "Pense no crime enorme que você quase cometeu, levado pela raiva!" E ensinou-lhe a jamais ser violento, qualquer que fosse a circunstância.

Entretanto, noutra ocasião, outro discípulo de Sri Ramakrishna também atravessava o Ganges de barco, quando os passageiros se puseram a falar mal do mestre. O discípulo afligiu-se, mas, sendo de natureza mansa, achou que não devia censurar os passageiros; eles falavam por ignorância, pois não conheciam seu mestre pessoalmente. O discípulo percebeu que nada podia fazer a esse respeito, por isso manteve-se quieto. Narrando posteriormente o ocorrido a Sri Ramakrishna, achou que o mestre sorriria disso. Entretanto, este o repreendeu severamente: "Como! — exclamou. Você se diz meu discípulo e deixa as pessoas me difamarem na sua presença?"

Os conselhos de Sri Ramakrishna parecem totalmente contraditórios; a razão disso, porém, é que ele estava lidando com duas pessoas inteiramente diferentes. Queria corrigir a agressividade excessiva daquele que estava pronto para aprender a não-violência, e a timidez do outro, ensinando-lhe primeiro a "resistir ao mal".

Ao perceber que deveres e comportamentos precisam variar a fim de se acomodarem às circunstâncias e à vida de cada um, veremos por que Sri Krishna no Gita insiste com Arjuna para que ele lute (ponto esse freqüentemente mal-compreendido), ao passo que Cristo, no Sermão da Montanha, intima seus discípulos a praticarem a não-resistência. No Sermão da Montanha, Cristo dá os mais altos ensinamentos sobre a não-resistência porque se dirige a discípulos que são monges consagrados; e fala-lhes num ambiente de paz e solidão. A mensagem do Gita, porém, é dada por Krishna num campo de batalha a um discípulo serviçal, a um combatente por profissão. Arjuna ainda não havia alcançado a iluminação espiritual que lhe permitiria renunciar à ação. Seu dever é lutar, dever ditado pelo seu caráter, que lhe foi imposto por suas ações e pensamentos passados. Portanto, Sri Krishna faz ver ao seu discípulo: "Tua própria natureza te levará à ação." Percebe o mestre que aquilo que Arjuna considera aversão ao ato de matar não brota da realização espiritual, mas da covardia. Não é fugindo ao dever, mas cumprindo-o e praticando a devoção e a auto-submissão a Deus que Arjuna pode finalmente ir além da lei de causa e efeito e compreender a suprema verdade espiritual.

É verdade que, do ponto de vista da transcendência, não existe dever, nem ação, nem universo físico de nome e forma — existe apenas Brahma, o Absoluto. Mas, antes que nos unamos a Brahma em nossa consciência, é preciso que nos utilizemos de valores relativos. Essa é a razão pela qual Krishna ensina a Arjuna, e a cada aspirante da espiritualidade, o caminho da ação, partindo da inércia para a iluminação. Para alcançarmos o verdadeiro crescimento espiritual, precisamos partir do ponto em que estamos.

Todavia, o problema permanece: Como adaptar o ensinamento da não-resistência às nossas vidas? Um chefe de família devoto de Sri Ramakrishna perguntou-lhe certa feita o que deveria ele fazer, caso uma pessoa má estivesse a pique de ofendê-lo. Como resposta, o mestre contou-lhe a seguinte fábula:

"Era uma vez um homem santo que foi para determinada aldeia. Os moradores preveniram-no de que não deveria percorrer certo caminho, porque uma cobra venenosa, que já matara diversas pessoas, estava sempre por lá. 'Ela não me fará mal algum' — disse ele, e prosseguiu em seu caminho. Como era esperado, a víbora se aproximou, empinou a cabeça, silvando e pronta para ferir; vendo, porém, o homem santo, prostrou-se humildemente a seus pés. Ensinou-lhe o sábio que abandonasse a idéia de morder e matar. Obediente aos ensinamentos, e havendo recebido a iniciação para a vida espiritual com o nome sagrado de Deus, a serpente rastejou até sua toca a fim de rezar e meditar; e o homem santo prosseguiu em seu caminho. Não demorou e a criançada da aldeia percebeu a mudança no comportamento da serpente. Sabendo-a agora inofensiva, atacavam-na com paus e pedras, sempre que ela saía da toca — e a serpente jamais revidava. Passado algum tempo, a serpente tornou-se tão fraca com as agressões que mal conseguia rastejar. Só muito raramente, à noite, arriscava-se a sair da toca em busca de alimento.

Noutra ocasião, retornando o homem santo à aldeia, contaram-lhe que a cobra morrera. Isso é impossível! — disse o sábio. 'Ela não podia morrer antes de haver alcançado o fruto da palavra sagrada na qual tinha sido iniciada. ' Dirigiu-se à toca da serpente e chamou-a. Ouvindo a voz do mestre, a cobra apareceu contorcendo-se, toda machucada dos golpes recebidos e terrivelmente mirrada, pois não conseguia comer o suficiente. O homem santo interrogou-a sobre as causas de seu estado lastimável. Venerável senhor' — replicou ela, 'tu me pediste que não molestasse nenhuma criatura: então eu passei a viver de folhas e frutos. Talvez seja por isso que eu estou tão magra. '

A serpente desenvolvera a virtude do perdão, esquecendo-se de que as crianças quase a tinham matado. Disse-lhe o sábio: 'Não; deve haver outra razão, além da falta de alimento, para que estejas nesta condição. Procura lembrar-te. ' Então a serpente se recordou: 'Ah, sim, alguns garotos da aldeia me bateram, mas eu não os mordi. Fiquei quieta e suportei-lhes os tormentos. ' A serpente esperava ser elogiada por não ter resistido ao mal. Para sua grande surpresa, entretanto, o homem santo irritou-se profundamente: Tola que foste!" — gritou. ' Eu te disse para não picar. Mas, acaso falei que não silvasses?'" O chefe de família que precisa viver em sociedade e cumprir suas obrigações para com a família talvez precise silvar de vez em quando, a fim de defender-se contra atos hostis. O homem bonzinho, que se deixa enganar e fraudar, é um tolo, e não um virtuoso. Mas, embora o chefe de família possa proteger-se, não deve nunca ser malicioso ou vingativo. Pode silvar, mas jamais injetar veneno. O monge, por sua vez, deve empenhar-se para pôr em prática a não-violência em seu grau mais elevado.

O devoto a Deus que persevera nas práticas espirituais alcança por fim um estado em que a não-violência nos pensamentos, nas palavras e nas ações torna-se natural para ele. Depois, com a mente absorta em Deus e o coração purificado pela devoção, cumpre espontaneamente o que Cristo lhe pede: ama os inimigos, abençoa os que te maldizem, faz o bem aos que te odeiam e reza pelos que te perseguem. Torna-te, então, em verdade, filho do teu Pai celestial.

*

* Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

CAPITULO IV

SEDE, POIS, PERFEITOS

Sede, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.

Com esta frase, dá-nos Jesus o tema central do Sermão da Montanha. Todo o sentido da vida humana resume-se nisso. E o mesmo tema acha-se no cerne de toda religião: Procura a perfeição! Tem consciência de Deus!

Temos idéia do que possa ser a perfeição quando se trata de objetos materiais ou de metas intelectuais ou morais, embora os padrões individuais possam variar. Mas, o que se entende por perfeição divina? Uma vez que nossa mente se circunscreve num mundo de relatividade — dentro do tempo, do espaço e da causalidade — não temos condição de saber o que seja esta perfeição, porque ela é absoluta. Temos apenas a vaga idéia de que ela se refere a um estado de plenitude, de paz permanente e de realização. Todo ser humano deseja encontrar a realização e a perfeição — em suas relações com outros seres humanos, em seu trabalho, em cada segmento da vida. Todavia, ao atingir os objetivos que o mundo tem a oferecer, não se sente ainda satisfeito. Pode estar rodeado por uma boa família e por amigos leais, pode gozar de riqueza e de boa saúde, de beleza e de fama — e, não obstante, ser perseguido por uma sensação de carência e de frustração.

Naturalmente, é verdade incontestável que nossos desejos podem ser aplacados temporariamente neste mundo. Podemos gozar de alguns prazeres e sucessos. Mas, esquecemo-nos sempre de que eles são passageiros. Se aceitamos os prazeres e o sucesso, devemos estar prontos a aceitar também a dor e o fracasso.

Kapila, filósofo da Índia antiga, expressou de forma negativa a perfeição, como "a cessação completa da desolação". Os sábios védicos procuraram exprimi-la positivamente, como Sat, a vida imortal; Chit, o conhecimento infinito, e Ananda, o amor e o êxtase eternos. Por detrás de cada esforço humano existe o desejo (por inconsciente e mal-orientado que possa ser) de encontrar Sat-chit-ananda — noutras palavras, a realidade suprema, Deus. Mas, desde que a maioria de nós não tem consciência de que a finalidade real da vida é encontrar Deus, continuamos a repetir as mesmas alegrias e tristezas indefinidamente. Gastamos nossa energia em realizações

efêmeras, buscando recompensa infinita no que é finito. Somente após passarmos por muitas experiências de prazeres e de dor, ocorre-nos o discernimento espiritual. Começamos então a ver que nada neste mundo pode dar-nos satisfação duradoura. Aí entendemos que o desejo de felicidade permanente, de perfeição, só pode ser satisfeito na verdade eterna de Deus.

Temos o direito de aspirar a essa perfeição, pois é nossa herança divina. Nas palavras de São Paulo:

"O próprio Espírito é testemunha do nosso espírito, de que somos filhos de Deus: e se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo..."

Mas onde encontrar a perfeição? Onde está Deus? De acordo com o Vedanta, existe uma Base, Brahman, subjacente ao universo de nomes e formas. Ele é onipresente: portanto, existe dentro de cada criatura e de cada objeto do universo, bem como além deles. Considerado em seu aspecto imanente, Brahman se chama Atman, o Eu interior; trata-se, porém, apenas de um termo conveniente, que não implica nenhuma diferença entre os dois — Atman e Brahman são um só. Quando a alma estiver purificada através dos exercícios espirituais e estiver apta a voltar-se para o interior de si mesma, o indivíduo descobre que o seu verdadeiro ser é Atman-Brahman. Revelar este ser verdadeiro ou esta divindade, que jaz oculta dentro do eu, é tornar-se perfeito. Esta é a técnica de todas as práticas místicas.

O próprio Cristo ensinou-nos a buscar o Deus interior. No Evangelho segundo São Lucas, lemos: "O reino de Deus não tem aparência ostensiva; nem se poderá dizer: ei-lo aqui ou ei-lo ali! Porque o reino de Deus está dentro de vós." Esta afirmação às vezes tem sido interpretada para significar que Cristo viveu entre seus discípulos neste mundo. Mas, se não aceitamos a afirmação de Cristo como uma referência à divindade dentro do homem, como haveremos de entender sua prece ao Pai: "Eu neles, e tu em mim, para que possam tornar-se perfeitos na unidade..."? Ou o lembrete do apóstolo Paulo aos Coríntios: "Ignorais acaso que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?"

O que nos impede de perceber esta verdade de que Deus está sempre presente dentro de nós? É a nossa ignorância — a identificação falsa de nossa natureza real, que é Espírito, com o corpo, a mente, os sentidos e a inteligência. E a luz brilhou

nas trevas, e as trevas não a compreenderam." A luz de Deus brilha, mas o véu de nossa ignorância esconde essa luz. Esta ignorância é uma experiência direta e imediata. Só pode ser removida por outra experiência direta e imediata — a realização de Deus. A diferença entre a ignorância e a realização de Deus, segundo Buda, é como a que existe entre o sono e o despertar.

Em nossa ignorância, é difícil para nós acreditar que Deus pode manifestar-se. De fato, muitos resistem a esta idéia. No entanto, em todas as épocas, houve grandes almas que viram a Deus, falaram com ele e tiveram experiência da união com ele. Mestres como Jesus, Buda e Sri Ramakrishna não apenas manifestaram Deus, como ainda insistiram que todos devam fazê-lo. Um vidente védico afirmou: "Conheci aquele Grande Ser de luz fulgurante, além de toda a treva. Tu também, conhecendo essa Verdade, superarás a morte." E Jesus disse: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." A experiência dessa verdade é possível através da transformação ou, nas palavras de Jesus, do renascimento espiritual: "A menos que uma pessoa renasça, não poderá ver o reino de Deus." Comentando esta passagem, o místico alemão Angeius Silesius disse: *"Cristo pode nascer milhares de vezes em Belém, mas se não renascer dentro de teu próprio coração, permanecerás eternamente só."*

O que significa ter Cristo renascido em nossos corações? Falam-nos os Upanishads que em geral o homem vive dentro de três estados de consciência: acordado, sonhando e dormindo sem sonhar. Nesses três estados é impossível ver Deus. Mas, além desses três, há um estado, chamado o Quarto, que é conhecido dos místicos — estado esse que transcende o tempo, o espaço e a causalidade. É o reino de Deus de que fala Cristo. O que se experimenta neste Quarto estado não é contrariado em tempo algum por nenhuma outra experiência — ao contrário das fantasias do estado de sonho, que são anuladas quando acordamos. Embora o Quarto estado transcenda os sentidos e a mente, não vai de encontro à razão. Quando ele ilumina o coração, acontece uma transformação permanente do caráter. Renascemos em espírito e tornando-nos perfeitos. Nesse estado transcendental, desaparece toda consciência do mundo e de sua multiplicidade. Os hindus chamam a este estado de samadhi; os budistas chamam-no de nirvana e os cristãos dão-lhe o nome de união mística ou união com Deus.

Poucas pessoas, porém, entram neste reino de Deus, porque poucos lutam para encontrá-lo. Como diz o Gíta:

Quem se preocupa em procurar A liberdade perfeita? Um indivíduo, talvez, Entre milhares.

Naturalmente, existem hoje milhões de cristãos que freqüentam com regularidade as igrejas, e milhões de hindus e budistas que fazem suas adorações em templos e pagodes. Mas, desses, poucos buscam a perfeição em Deus. A maioria das pessoas satisfaz-se em viver uma vida mais ou menos ética aqui na terra, na esperança de serem recompensadas na vida do além pelas boas ações que possam ter praticado. O ideal de perfeição de Cristo, em geral, é esquecido ou mal-compreendido. É verdade que muitos lêem o Sermão da Montanha, poucos, porém, procuram viver seus ensinamentos. Muitos questionam se é possível ou não encontrar Deus, ou se a perfeição pode ou não ser atingida, ou o que o Cristo quis dar a entender com conhecer a verdade ou ver a Deus. Mas, isto eu garanto — quando Cristo falou a seus discípulos, ele queria dizer literalmente que Deus podia ser visto na presente existência deles. E os discípulos ansiavam justamente por essa verdade: conhecer a Deus, serem perfeitos como é perfeito o Pai nos céus. Como pode um aspirante da espiritualidade, que anela pela verdade, satisfazer-se com a teologia, com a filosofia, com doutrinas e credos? Sri Ramakrishna costumava dizer a seus discípulos: "Vocês vieram para o pomar de mangas. De que adianta contar as folhas nas árvores? Comam as mangas e satisfaçam a fome!" De igual modo, Cristo ensinou a seus discípulos como conhecer Deus, como percebê-lo enquanto se vive neste mundo. Ele não afirmou que a perfeição divina só pode ser alcançada depois da morte do corpo.

Se verificarmos os verdadeiros fundadores das grandes religiões do mundo, descobriremos que eles expressaram uma única verdade: capacitem-se de que Deus está aqui e agora! O grande obstáculo no caminho da percepção de Deus é a preguiça e a falta de entusiasmo da humanidade. Buda chamava a procrastinação na batalha pela iluminação de o maior pecado. E Cristo expressou a mesma idéia ao dizer: "Todo homem que, tendo posto a mão no arado, olhar para trás não está preparado para o reino de Deus."

Existem vários métodos pelos quais se pode alcançara perfeição em Deus. Alcançada esta, cada aspecto do ser aspirante ilumina-se. Mas é natural que esses métodos ou caminhos da perfeição focalizem certas tendências do caráter humano, pois é evidente que algumas pessoas são intelectivas ou emotivas, outras ativas ou contemplativas, e que suas práticas espirituais reflitam seus caracteres. No Vedanta,

reconhecem-se quatro caminhos principais para a obtenção da união com Deus. Esses caminhos, ou iogas, são úteis para iluminar a via da perfeição, conforme foi ensinada por Jesus.

Na karma-ioga, o caminho do trabalho abnegado, cada ação é oferecida a Deus como um sacramento. Dedicando os frutos de seu trabalho a Deus, o aspirante à espiritualidade alcança finalmente a pureza de coração e obtém a união com Deus.

A jnana-ioga é o caminho da discriminação entre o eterno e o não-eterno. Quando, pelo processo de eliminação, todos os fenômenos transitórios tiverem sido analisados e depois rejeitados, permanece apenas Brahman, e o aspirante da espiritualidade concretiza, através da meditação, sua união com o aspecto impessoal da Divindade.

A bhakti-ioga é o caminho da devoção. Neste caminho, o adorador mistura seu ego com o ideal escolhido de Deus, cultivando intenso amor por ele como a um ente pessoal. A maioria dos crentes de todas as grandes religiões do mundo segue a bhakti-ioga.

A raja-ioga é o caminho da meditação formal. Trata-se de um método de concentração da mente unicamente na realidade suprema, até que se alcance a absorção completa. Este caminho pode ser trilhado com exclusividade, e, não raro, por aqueles que seguem de preferência a vida contemplativa. Mas, em certo sentido, pode-se dizer que a raja-ioga combina os outros três caminhos, uma vez que a meditação pode incluir a ação dedicada a Deus, a adoração, o discernimento e a concentração sobre o Ideal Escolhido. Embora uma vida espiritual equilibrada exija a combinação harmoniosa das quatro iogas, uma ou outra normalmente predomina, dependendo do temperamento do aspirante.

Entre os ensinamentos de Jesus, há muitos que se podem classificar de acordo com uma ou outra das iogas. Por exemplo, quando Jesus disse: "Sempre que o fizerdes ao menor destes meus irmãos, estareis fazendo a mim", estava ensinando, no espírito da karma-ioga, a adoração de Deus através da prestação de serviço do homem.

A distinção entre o real e o irreal e a renúncia do irreal constituem a essência da jnana-ioga. Não raro Jesus pregava o discernimento e a renúncia. Por exemplo: "...acumulai tesouros nos céus, onde nem a traça nem a ferrugem podem

corroê-los, e onde os ladrões não arrombam nem furtam." E, "Não podeis servir a Deus e às riquezas".

As etapas preliminares da raja-ioga, a via da meditação, compreendem a abstenção da ofensa aos outros, da falsidade, do roubo, da incontinência e da gula, e a observação da pureza e da devoção a Deus. A prática dessas disciplinas ajuda a tornar possível a concentração da mente num único ponto, a meditação e a absorção em Deus. Jesus insistia na prática dessas mesmas disciplinas. E ele próprio gastava boa parte do tempo na meditação e na absorção, recolhendo-se frequentemente em solidão para esse fim.

De todos os caminhos para a união com Deus, Jesus deu ênfase especial ao caminho da devoção, insistindo no primeiro e maior dos mandamentos: "Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma, e com toda a tua mente." Os ensinamentos de Jesus sobre a devoção — como os de outros avatares — vão desde afirmações em que ele considera a si mesmo como um dualista, um devoto de Deus, até afirmações em que atesta sua identidade com a Divindade. Na primeira cláusula do Pai-nosso (que será discutida em detalhe no próximo capítulo), Jesus não se descreve diretamente como Deus, mas fala de si como o outro, ensinando-nos a adorar a Deus como nosso Pai que está nos céus. Em inúmeras passagens do Evangelho segundo São João, Jesus faz questão de dizer que o amor pelo Filho traz-nos o amor do Pai: "Se alguém me ama, guardará minhas palavras — e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele habitaremos." "Pois o próprio Pai vos ama porque vós me amastes e crestes que eu vim de Deus." Noutras passagens, Jesus declarou de forma inequívoca sua identidade com o Pai: "Eu e meu Pai somos um." "Quem viu a mim, viu ao Pai..." Esta identidade decorre de ensinamentos sobre a devoção, como estes: "Permanecei em mim e eu em vós. Como o ramo não pode produzir frutos por si mesmo, exceto se estiver unido à vinha, assim também não podeis vós, se não permanecerdes em mim." "Vinde a mim todos vós que labutais e estais sobrecarregados, e eu vos aliviarei."

Muitos mestres espirituais insistiram na prática da devoção, por ser a via mais fácil da manifestação de Deus. Nesta via, a renúncia do aspirante é absolutamente natural: ele não precisa suprimir uma única de suas emoções — deve apenas empenhar-se em intensificá-las e em dirigi-las a Deus.

Existe no coração do homem o desejo de amar e de ser amado, de querer a afeição de um pai, de uma mãe, de um amigo, de uma namorada. A maioria de nós, porém, não reconhece que esse desejo é na verdade uma busca de Deus, disfarçada de outras coisas. Em última instância, sentimo-nos frustrados e sós em nossas relações humanas, porque o amor que conhecemos e exprimimos no plano humano não passa de reflexo imperfeito da "coisa verdadeira". Dizem-nos os Upanishads:

"Não é por causa da esposa em si mesma que a esposa é querida, mas por causa do Eu. Não é por causa do marido em si mesmo que o marido é querido, mas por causa do Eu. Não é por causa dos filhos em si mesmos que os filhos são queridos, mas por causa do Eu.... Não é por causa de si mesmo que algo é querido, mas por causa do Eu."

O amor de Deus nos atrai, mas nós o interpretamos mal. Interpretá-lo corretamente, chegar à realização do desejo por amor — somente é possível quando voltamos nosso amor a Deus, que é o próprio amor.

Isso não significa que o amor humano seja errado e deva ser evitado. Através dele, qualidades como a compaixão e a generosidade se desenvolvem, e se alcançam as experiências necessárias para o desabrochar espiritual. Não se deve necessariamente renunciar à afeição humana: ela se espiritualiza quando dada generosamente, sem possessividade e sem esperar reciprocidade.

Quem aspira a união com Deus deve saber que todas as seitas religiosas que existem reverenciam uma única e mesma Realidade. Diz uma prece hindu: "Chamam-te por muitos nomes. Dividem-te, por assim dizer, em diferentes nomes. No entanto, em cada um deles manifestas a tua onipotência. ...Atinges aquele que te adora através de qualquer deles." Deus possui infinitos aspectos e expressões. Pode manifestar-se a seus devotos de forma pessoal ou impessoal, com ou sem forma. Portanto, é necessário que o noviço jamais critique qualquer dos inúmeros caminhos e práticas religiosas que levam a Deus. Todavia, isso não quer dizer que pode seguir um ideal religioso hoje e outro amanhã. É preciso que se proteja a tenra planta da espiritualidade, até que ela se torne uma árvore robusta. A fim de que a mente possa absorver-se em Deus, o adepto da bhakti-ioga exercita-se na devoção a um ideal único. Quando o amor por seu Ideal Escolhido tiver iluminado o seu coração, descobrirá o

devoto que o seu ideal é venerado pelos outros sob nomes e formas diferentes: então ele amará a Deus em todos os seus aspectos.

Muitos seguidores do caminho da devoção escolhem uma encarnação divina como o seu ideal, ideal a quem adoram como sendo um com o Eu interior e com a realidade transcendente. Citando Swami Vivekananda:

“... os homens perfeitos são instintivamente venerados como Deus em todos os países. Eles são as manifestações mais perfeitas do Eu eterno. Daí por que os homens veneram encarnações como Cristo ou Buda.

É verdade que você e eu, e o mais pobre de nós, até o mais miserável, encarna esse Deus, e mesmo reflete esse Deus. A vibração da luz está em toda parte, onipresente; mas... o Deus onipresente do universo não pode ser visto enquanto não se refletir nestas lâmpadas gigantes da terra — os Profetas, os homens-Deuses, as Encarnações, as personificações de Deus. Nossas Escrituras rezam: "Estes grandes filhos da Luz, que manifestam em si mesmos a Luz, que são eles próprios a Luz, sendo venerados, tornam-se, por assim dizer, um conosco e nós nos tornamos um com eles.”

Assim, os grandes profetas e filhos de Deus, ao serem venerados, levam a humanidade à liberdade e à perfeição. Estão sempre conscientes de que esta é a sua missão, e proclamam-na a todos. Jesus diz: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não caminhará na escuridão, mas terá a luz da vida." Sri Krishna diz: "Descarrega todas as dúvidas em mim, teu refúgio. Não tenhas mais medo, porque eu te salvarei do pecado e da escravidão." Sri Ramakrishna diz: "Eu sou o santuário." "Dá-me o poder de procuração; eu te aliviarei de todas as cadeias do karma.”

Refugiar-se nesses mestres é refugiar-se em Deus, o que significa que devemos centrar nele a nossa vida. A graça de Deus já está em nós; mas, para que possamos sentir a sua graça, é preciso que purifiquemos o coração. E para que o coração seja purificado, precisamos praticar as disciplinas espirituais:

Em primeiro lugar, por onde quer que a mente e os sentidos errantes vaguem, temos de nos esforçar para ver o Senhor. Lemos numa das escrituras vedantas: "Colhendo alimento puro, o coração se purifica." Alimento significa aqui qualquer impressão recebida através dos cinco sentidos. O segredo desta disciplina espiritual está, pois, em cobrir todas as coisas com a presença de Deus.

Em segundo lugar, cabe-nos praticar as virtudes éticas ensinadas nas escrituras — virtudes como a compaixão, a não-violência e a castidade.

Finalmente, precisamos dispor de horas regulares para a prática da oração e da adoração. Adoração significa manter diante de nós o ideal de Divindade escolhido como um objeto de amor, e, em sua presença viva, dirigir-lhe ininterruptamente os pensamentos, como óleo derramado de um vaso para outro, durante longo tempo. Orar, nas palavras de São Paulo, é oferecer-se "incessantemente". Pela prática destas disciplinas, desperta no coração do devoto uma lembrança permanente de Deus. O pensamento de seu amado Senhor está continuamente em sua consciência. Todos os desejos o abandonam, permanecendo apenas um anseio: amar a Deus e viver em abandono completo à sua vontade. Esta devoção pura e despojada vem acompanhada da absorção em Deus e da união definitiva com ele. Amor, amante e amado tornam-se um. Os efeitos desse amor supremo são descritos pelo sábio Narada em seus aforismos sobre a bhakti-ioga:

"Ao atingi-lo, o homem torna-se perfeito, imortal, satisfeito: não deseja nada, não se aflige, a ninguém odeia, não se deleita com coisas materiais, fica inebriado — regozija-se no êxtase de Atman."

A pessoa que experimenta esta consciência unificadora penetra no reino dos céus e se torna perfeita como o Pai dos céus é perfeito.

Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles: do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está nos céus.

Quando, pois, deres esmola, não toques uma trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam sua recompensa.

Mas, quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita;

Que a tua esmola seja dada em segredo: e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente.

Jesus fala aqui da ação e da sua recompensa, fala de causa e efeito, que no Vedanta é anunciado como a lei do karma. Afirma a lei do karma que, se eu fizer uma boa ação para alguém, receberei minha recompensa. Pouco importa se esse alguém me

dê ou não essa recompensa. Se eu fizer o bem, receberei o bem em troca. Se fizer algo de mal, o mal voltará para mim. Essa é a lei. (São Paulo diz na Epístola aos Gaiatas: "... tudo o que o homem semear, isso também colherá'") Mas, para que possamos alcançar a perfeição, precisamos libertar-nos de todos os apegos, de todo o desejo pelos frutos da ação. Precisamos libertar a mente de todo tipo de impressão e tendência — boa ou má, porque as boas ações também geram karma. Se quisermos transcender o karma, ensinanos o Gíta, carecemos de aprender a oferecer os frutos de nosso trabalho a Deus. Isto é karma-ioga — a via de união com Deus através da ação dedicada a Deus.

Na karma-ioga, a vida toda do devoto se converte num ritual contínuo, já que cada ação é executada, não com a esperança de ganho ou de vantagem pessoal, mas como uma adoração. Dedicar os frutos do trabalho a Deus é trabalhar sem apegos. Importa que não demos azo ao orgulho e à vaidade, se os resultados de nosso trabalho forem favoráveis e ganharem elogio público. Por outro lado, havendo feito o melhor, não nos devemos desesperar, caso nosso trabalho produza resultados decepcionantes, ou seja, criticado asperamente, ou totalmente desprezado. Muitos homens e mulheres talvez empenhem o melhor de suas qualificações, e com a maior das dedicações; mas, se o seu ideal carece da união com Deus, ser-lhes-á quase impossível não caírem no desespero, caso percebam perda a sua causa, e que toda a sua vida resultou em nada. Só o devoto de Deus não precisa jamais desesperar-se por haver renunciado aos frutos da ação. Ele tem a sua recompensa — o próprio Deus.

Para muitas pessoas, desapego significa indiferença, preguiça, fatalismo. Na verdade, desapego é o extremo oposto da indiferença. É uma virtude positiva, nascida do apego a Deus. De fato, o seguidor da karma-ioga precisa estar intensamente apegado ao seu trabalho enquanto o executa. Toda a sua mente precisa estar concentrada em cumpri-lo perfeitamente, uma vez que ele há de ser oferecido como adoração. Entretanto, ele precisa estar apto a desapegar-se a qualquer momento. Pela prática do desapego e do serviço desinteressado, o devoto se liberta da roda da causa e efeito, da ação e recompensa — e ganha o Infinito.

E quando orares, não sejas como os hipócritas; porque eles gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam sua recompensa.

Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê occultamente, te recompensará abertamente.

Neste ponto, Cristo começa seus ensinamentos sobre a oração. Diz-nos que, se quisermos algo menor do que Deus, poderemos obtê-lo. Se a nossa felicidade estiver na reputação, poderemos dirigir-nos a algum recinto público e rezar onde todos nos possam ver. E podemos receber nossa recompensa — isto sem a menor sombra de dúvida. A oração pública recebe recompensas públicas — reconhecimento, riqueza, seguidores e poder.

Porém, a verdadeira religião não é matéria para exposições, É algo muito sagrado e, portanto, secreto. Por isso, adverte-nos Cristo para não fazermos aparato da adoração. A pureza e a espiritualidade genuínas não precisam de promoção. Se rezas a Deus por amor dele mesmo — não para fazer dele um meio para outras finalidades — então pouco importa o mundo, pouco importa se ele te condena ou te admira. Retira-te a um lugar afastado e pede-lhe, com a certeza de que ele se entregará a ti. Ele há de te recompensar com sua própria presença.

Mas, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios: pois entendem que por muito falarem serão ouvidos.

Não vos assemelheis pois a eles: porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós pedirdes.

Deus não nos engana. Ele conhece nossas necessidades e nossos pensamentos mais íntimos. Ele é o Ouvinte por detrás dos nossos ouvidos, o Pensador por trás da nossa mente, o Falante por detrás da nossa língua. Ele é aquela Consciência Pura, cujo reflexo sobre nossa inteligência torna-nos conscientes. Ele sabe se nossas preces são hipócritas — "repetições vãs" — ou súplicas de um coração sincero. Dizia Sri Ramakrishna:

"Quando a palavra e a mente se unem numa oração sincera, essa oração é atendida. Valor nenhum têm as preces do homem que diz com os lábios: 'Tudo isto é teu, Senhor!' — e ao mesmo tempo pensa em seu coração que tudo lhe pertence. Não sejais traidores de vossos pensamentos!... Rezai com um coração sincero e simples, e vossas preces serão ouvidas."

CAPITULO V

A ORAÇÃO DO SENHOR

Portanto, orareis assim:

Tendo-nos ensinado como orar, dá-nos agora o Cristo uma oração prática para o nosso uso — o Pai-nosso. Talvez seja a melhor oração já conhecida no mundo, e muita gente a repete a cada dia da vida. Como toda grande declaração, é ao mesmo tempo simples e profunda: se a tomamos ao pé da letra, corremos o risco de perder seu significado mais profundo. Seu sentido se revela aos que praticam as disciplinas espirituais, porque ela oferece de forma sucinta os princípios fundamentais sobre os quais deve assentar-se a vida santificada. Cada frase da oração serve como lembrete do ideal e dos métodos já apresentados.

Diferentes que são entre si, as pessoas valem-se de dois tipos básicos de oração: a prece centralizada no homem e a prece centralizada em Deus. As pessoas, cuja oração centra-se no homem, imploram a Deus que lhes enriqueça a vida aqui na terra, afastando os sofrimentos, provendo-os de riqueza, sucesso e conforto. A oração centrada em Deus é motivada pela devoção e pelo discernimento espiritual. As pessoas cujas preces têm Deus como centro buscam apenas a Ele, sabendo que a manifestação de Deus é o único propósito da vida. O Pai-nosso está centrado em Deus, e nele Jesus nos ensina como nos absorvermos na consciência de Deus, como encontrar a alegria e a liberdade eternas. Quem quer que procure Deus com sinceridade, pode abordá-lo por meio do Pai-nosso. Não é preciso que ele adira a nenhuma crença ou dogma religioso. Se ele aceita a idéia de que Deus existe e pode ser compreendido, se ele segue os ensinamentos de Cristo, há de alcançar a perfeição.

A Oração começa: Pai nosso...

Com isso, Cristo nos ensina a pensar em Deus quando rezamos. Para a maioria de nós, Deus, como ser impessoal, é abstrato demais para que se possa meditar nele. Trata-se de uma idéia, ao que parece, enquanto sentimos que somos carne e sangue, carregados de emoções e desejos. Por isso, como vimos no capítulo anterior, Cristo, à maneira de outros grandes mestres espirituais, dá ênfase à via da devoção, em

que se adora a Deus como um ser pessoal. A fim de que possamos amar o Senhor com todo o nosso coração, alma e mente, conforme Cristo deseja que o façamos, precisamos considerá-lo como nos pertencendo de verdade. E, para que isso aconteça, é preciso que nos relacionemos definitivamente com Ele.

Também no plano divino existem as diferentes manifestações do amor que se encontram no plano humano. Certa prece hindu diz: "Tu és a nossa mãe amada; tu és o nosso Pai compassivo; tu és o nosso amigo verdadeiro, o companheiro constante. Tu és o nosso único tesouro e a nossa única sabedoria. Tu és tudo o que existe em nós." Impõe-se que comecemos com um relacionamento específico com Deus; mais tarde, chegaremos à compreensão de que Ele é tudo o que somos.

De acordo com os mestres hindus da bhakti-ioga, há cinco tipos de relacionamentos com Deus: primeiro, o relacionamento entre a criatura e o Criador; segundo, entre o servo e o Mestre, ou o filho e o Pai; terceiro, entre o amigo e o Amigo; quarto, entre pai e Filho; e quinto, o relacionamento entre a esposa e o Esposo, ou entre a amante e o Amante.

O quinto relacionamento não é exclusivo da adoração hindu, porque os cristãos também estão de longa data familiarizados com ele. Os devotos hindus adoram Krishna criança; os cristãos adoram o Menino Jesus. Irmão Lawrence via-se a si mesmo, primeiramente como um servo do Senhor. As freiras católicas consideram-se noivas de Cristo, chegando até a usar aliança para caracterizar esse estado. O próprio Cristo ensinou o comportamento de amizade com Deus. Disse ele a seus discípulos:

"Sois meus amigos, se praticais o que vos ordeno. Por isso, não mais vos chamo de servos: ...mas, chamo-vos de amigos; porque tudo quanto ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer."

Na Oração do Senhor, entretanto, e em muitos outros dos ensinamentos do Cristo, é-nos dito para pensar em Deus como nosso Pai, a quem devemos olhar em parte com reverência, mas principalmente com confiança, absoluta fé e amor. Estamos sob a sua proteção. Estamos salvos com ele.

que estais nos céus...

Fala-nos o Cristo que o Pai está nos céus. Em todos os tempos, as pessoas buscam provas da existência de Deus. Filósofos e pensadores têm imaginado

demonstrações inteligentes, colocando Deus como "causa necessária". Entretanto, cada argumento comprobatório da existência de Deus tem sido combatido pelos argumentos de filósofos e pensadores da linha oposta. Nessa longa jornada, existe apenas um meio de se verificar a realidade de Deus, e esta é a de vê-lo por nós mesmos. Todas as tentativas de chegar-se a uma prova através de arrazoados são fúteis, porque estaremos buscando estabelecer apenas a existência da nossa idéia de Deus. Por isso, ainda que pudessemos conseguir tal prova, como garantiríamos a identidade entre nossa idéia e a realidade de Deus? Se ficamos onde estamos, bem longe da costa, não temos condição de provar a existência do oceano; sequer podemos ter certeza de que nossa idéia de oceano corresponde de algum modo à realidade. Um viajante experiente nos dirá: "Siga aquela estrada e vá ao topo daquela colina. Então você verá o oceano e não precisará de mais nenhuma demonstração."

Ao longo da história da humanidade, inúmeros mestres iluminados têm-nos dito: "Deus existe. Eu sei, porque O vi". A dúvida que nos resta é esta: acreditamos neles? Se, após contemplar a vida deles e aprender tudo o que possa ser conhecido a seu respeito, sentirmos que tais homens merecem confiança, então a convicção haverá de crescer também em nossos corações. E uma vez que tenhamos o germe dessa convicção, será problema nosso se não buscarmos a certeza, trilhando a estrada que esses homens percorreram, a fim de que, como eles, possamos alcançar o cume do morro e ver nós mesmos o oceano infinito de bem-aventurança.

Foi-nos dito para procurarmos o Pai "nos céus", Mas onde fica o céu? Tanto o Cristianismo como o Vedanta pregam — conforme salientei no capítulo precedente — que o reino dos céus está dentro de nós. Isso não significa que o céu ocupe um espaço. O céu está além do espaço. Estar "nos céus" é perceber Deus em nossas consciências. Entretanto, quando começamos a olhar para dentro, não vemos o céu, porque a terra também está em nosso interior. Cegos pelo desconhecimento da nossa natureza divina, vemos apenas a terra. A consciência da terra é a nossa consciência física, a nossa consciência de tempo, espaço e relatividade. Em contrapartida, o céu é o que permanece para sempre, o reino de Deus. Na medida em que a mente é impura, e enquanto está apegada aos objetos deste mundo, estamos conscientes da terra. Quando essa mesma mente se purifica pela prece e pela adoração, então ela percebe o Pai que está nos céus. Dizia o meu mestre: "Com os olhos dos sentidos, o que pode o homem ver a não ser a matéria? E com os olhos do espírito, o que ele verá senão o espírito?" A partir das

experiências de almas iluminadas, aprendemos que, no instante da manifestação de Deus, no estado de superconsciência do samadhi, desaparece a percepção do mundo físico. Daí por que o santo vai além do tempo, de espaço e da relatividade. Mas, por não alcançarmos esta superconsciência de um instante para outro, é preciso que comecemos a pensar em Deus como habitando dentro de nossos corações, e aí rezemos a Ele. Irmão Lawrence dizia: "Devemos fazer do nosso coração um templo espiritual onde O adoremos incessantemente. ... Ele está dentro de nós; não O procuremos em nenhuma outra parte."

Santificado seja o vosso nome.

Neste ponto, Cristo chama a atenção para o nome de Deus, o Logos, a Palavra. No avatar, como vimos, a Palavra se fez carne. Mas, o nome de Deus em si mesmo é da maior significação religiosa. Tanto o Velho como o Novo Testamentos anunciam a prática de santificar o nome de Deus: "Exaltai o Senhor comigo, e juntos glorifiquemos o Seu nome" (Salmos). "... Ofereçamos continuamente o sacrifício de louvor a Deus, isto é, o fruto de nossos lábios dando graças ao Seu nome" (Hebreus). "Todo aquele que recorrer ao nome do Senhor será salvo" (Romanos). E, no Evangelho segundo São João, lemos que Jesus pediu a seus discípulos que rezassem em seu nome: "Em verdade, em verdade eu vos digo, se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Ele vo-la dará. Até agora nada pedistes em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa."

Na Índia, encontramos aceita a mesma idéia que vem expressa no começo do quarto Evangelho, ou seja, a de que Deus e seu nome são uma só coisa. No Vedanta, o nome de Deus chama-se mantra. Há vários mantras, dependendo do aspecto particular de Deus que o devoto escolhe para adorar. O mestre dá ao discípulo o mantra na cerimônia de iniciação e ordena-lhe que o conserve como sagrado e secreto e que medite, pelo resto de sua vida, sobre o aspecto de Deus que ele representa. A essência do Ideal Escolhido pelo discípulo concentra-se no mantra sob a forma de um símbolo sonoro. À medida que o nome de Deus é repetido, a força espiritual de que ele está carregado torna-se manifesta. Pela santificação continuamente repetida do nome, permitimos que Deus tome posse da nossa mente consciente até que, seja lá o que estejamos dizendo ou pensando, alguma parte de nossas mentes o estará louvando.

Um dos maiores santos da Índia, Sri Chaitanya, ensinou seus adeptos a confiarem firmemente neste método simples e eficaz de se lembrar de Deus:

Canta incessantemente o nome do Senhor e sua glória,

Para que o espelho do coração mantenha-se limpo

E seja extinto aquele formidável fogo da floresta,

Luxúria mundana, que ruge furiosamente dentro de nós.

Oh Nome, derrama-te ao luar sobre o coração da flor de lótus,

Abrindo-lhe o cálice para que te conheça.

Oh Eu, afoga-te nas ondas da sua bem-aventurança.

Cantando o seu nome continuamente,

Saboreando-lhe o néctar a cada passo,

Banhando-te no nome dele, aquele banho destinado às almas fatigadas.

Múltiplos são os teus nomes, oh Senhor,

Em cada um e em todos encontra-se o teu poder.

Não é preciso hora marcada nem rituais

para que se cante o teu nome,

Tamanha é a tua misericórdia.

Como é enorme, então, a minha miséria,

Que não encontra devoção pelo teu nome,

Nesta vida e neste coração vazios!

O Catolicismo também prega o hábito de repetir o nome de Deus continuamente: "Ave Maria" é um mantra. A oração de Jesus, um tipo de mantra, é reconhecida pela Igreja Ortodoxa Oriental. Sua prática vem exposta em dois notáveis livros, Caminho de um Peregrino, e sua continuação, O Peregrino continua o seu Caminho, que narram a peregrinação espiritual de um devoto russo do século passado:

"A contínua Prece interior de Jesus é um chamado ininterrupto do Nome Divino de Jesus com os lábios, em espírito e no coração; ao mesmo tempo, forma-se na mente a imagem da sua presença constante, e implora-se a sua graça em cada atividade, durante todo o tempo, em todos os lugares, mesmo durante o sono. O apelo expressa-se nestes termos: "Senhor Jesus, tende piedade de mim." Os que se habituam a fazer este apelo experimentam um consolo tão intenso e uma necessidade tão imensa de repetir sempre a oração que já não conseguem mais viver sem ela, e ela continuará a ecoar dentro deles por conta própria....

"Muitos dos chamados iluminados encaram este oferecimento freqüente de uma única e mesma prece como inútil e até fútil, tendo-o por uma ocupação mecânica e vazia de gente simples. Desafortunadamente, porém, desconhecem eles o segredo que se revela como resultado deste exercício mecânico, desconhecem como esta atividade contínua dos lábios torna-se imperceptivelmente um apelo genuíno do coração, penetra na vida interior, transforma-se numa satisfação, por assim dizer, natural à alma, trazendo-lhe luz e alimento e levando-a à união com Deus."

Psicologicamente falando, como atua este método de confiança no mantra? Suponhamos que temos pela frente o problema de limpar um vidro de tinta preso a uma mesa. Não podemos retirar o vidro e esvaziá-lo da tinta. Mas podemos despejar-lhe água limpa, forçando assim a tinta e a sujeira a saírem para fora. Continuaremos a despejar água até que se tenha lavado toda a tinta e o vidro não contenha senão água limpa. Da mesma forma, não é possível esvaziar a mente de seus desejos e apegos terrenos jogando fora o conteúdo da consciência e tornando branca a mente. O que, porém, podemos fazer é despejar a água limpa do pensamento de Deus em nossas mentes, até que a sujeira seja removida. Pela repetição do mantra, a mente e o coração se purificam. Por fim, o nome é vivenciado como algo vivo e consciente, como a união com Deus — e atinge-se assim a iluminação.

Certa vez, encontrei um monge indiano que atingira a iluminação unicamente pelo exercício espiritual de santificar o nome de Deus. Estudante ainda do colegial, visitei Brindavan; lá, vim a saber de um homem santo que vivia num bosque das proximidades e decidi visitá-lo. Uma trilha estreita conduziu-me à pequena cabana no meio de uma clareira. Pouco depois, o homem santo saiu da cabana, sentou-se num tapete estendido no chão por um de seus discípulos e fez sinal para que eu também me sentasse. Era tangível a atmosfera de santidade à sua volta. Curvei-me diante dele e

perguntei: "Reverendo senhor, como alcançaste este estado?" "Nama", respondeu, dando-me a entender que atingira a perfeição através da repetição do nama, o nome do Senhor. Nada mais disse, e eu permaneci sentado diante dele em silêncio por algum tempo. Finalmente, fiz-lhe uma vênia e me retirei. Meu coração estava pleno de paz.

Venha a nós o vosso reino.

Quando um hindu cumpre a adoração ritual, sua primeira prece diz: "Assim como uma pessoa de olhos abertos vê o céu sobre sua cabeça, assim vêm sempre os videntes a Verdade Suprema, Deus, a Existência que a tudo penetra." Somente se tivermos aberta nossa visão espiritual é que veremos o reino de Deus que existe aqui. Não se trata de uma esperança futura. Dizem os cristãos preguiçosos: "Senhor, algum dia irei para o paraíso e viverei em Tua companhia", da mesma forma que os hindus preguiçosos dizem: "Algum dia, em alguma encarnação, verei a manifestação de Deus." Mas o Cristo nos diz que o reino de Deus já chegou, esteve sempre conosco e cumpremos percebê-lo. Pelo menos ao rezar e meditar é preciso que esqueçamos este universo, que nos esqueçamos de nós e sintamos que apenas Deus existe. Por meio desta prática, nossa ignorância um dia se desvanecerá e veremos realmente Seu reino em nossos corações e à nossa volta.

Seja feita a vossa vontade, assim na terra como nos céus.

Como fará a vontade de Deus um aspirante da espiritualidade? Como poderá ele saber se o que está fazendo é ou não a vontade de Deus? Ao longo da história, em cada país, encontramos todo o tipo de pessoas fazendo exatamente o que desejam e insistindo em que essa é a vontade de Deus. Mas, até que nos tornemos espiritualmente iluminados, até que Deus de fato nos fale, não podemos saber, em determinada situação, qual seja a sua vontade. Quando chegar o dia que nos trouxer a união perfeita com Ele, de tal sorte que fiquemos literalmente inundados d'Ele, então poderemos nos tornar Seus instrumentos e fazer-Lhe a vontade. Entretanto, mesmo em nossa ignorância atual, podemos confiantemente dizer que a vontade de Deus é tudo aquilo que nos conduz a Ele. E podemos rezar: "Senhor, não sei qual é a Tua vontade, guia-me, porém, de sorte que possa cumpri-la. Possa eu ser um instrumento em Tuas mãos!"

O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

"O pão nosso de cada dia" é o pão da graça divina, e rezamos para que essa graça nos seja revelada agora, "hoje", neste momento, e para sempre.

Quando criança, eu gostava muito da história de uma jovem que atravessava a floresta onde, diziam-lhe, podia ver-se a Deus. E lá ela esperava por Ele. Estava firmemente convencida de que, mais cedo ou mais tarde, Ele haveria de passar por ela. Tornou-se mulher e, com o tempo, ficou velha. Durante todo esse tempo Deus não viera, mas ela ficara esperando ansiosamente, preparada para Ele a cada instante de cada dia. Finalmente, Deus de fato veio. Passou por ela e ela O viu, e toda a sua vida tornou-se abençoada.

É dessa fé que precisamos: impõe-se saber que a graça de Deus pode revelar-se para nós a qualquer momento, mas ao mesmo tempo precisamos estar preparados para esperá-la pacientemente. Poucas pessoas aprenderam a viver na expectativa de uma graça iminente. A maioria de nós sente que tem tantas impurezas, tantas faltas a superar, tantas disciplinas a pôr em prática que talvez não consigamos atingir a Deus a não ser num ponto distante do futuro. Na verdade, essa aparente humildade não passa de vaidade, pois pressupõe que podemos conhecer Deus através de nossos próprios esforços, de nossa própria força. Isso não passa de tolice! Nossas próprias forças jamais nos farão puros, nem nos darão a visão de Deus. Ninguém pode comprar Deus com práticas espirituais. Dizem-nos as grandes almas que alcançaram a iluminação que o esclarecimento chega somente através da graça divina. No Katha Upanishad lemos:

"Não se conhece o Eu por meio do estudo das escrituras, nem pela sutileza da inteligência, nem pelo excesso de erudição. Aquele a quem o Eu escolhe, por esse ele é atingido. A ele verdadeiramente o Eu revela o seu próprio ser."

De igual modo, declarou Cristo: "Não fostes vós quem me escolhestes, mas eu que vos escolhi..." Isto significa que a graça é necessária, mas significará isso acaso que Deus é parcial? Swami Turiyananda, interrogado certa vez a respeito, respondeu:

"O Senhor não é parcial. Sua graça desce igualmente sobre o santo e sobre o pecador, assim como a chuva cai sobre toda a terra. Entretanto, apenas a terra cultivada produz uma boa colheita."

E Sri Ramakrishna dizia: "A brisa da graça está sempre soprando. Abre tua vela para captar essa brisa." Isso quer dizer que a graça de Deus está sempre sobre nós, mas o auto-esforço e as disciplinas espirituais são necessárias, a fim de que nos tornemos receptivos a ela. Disse Cristo:

"Estai, pois, atentos porque não sabeis quando o dono da casa há de chegar... Para que, vindo de improviso, não vos encontre dormindo."

Precisamos estar vigilantes; precisamos lutar para fixar a mente em Deus, rezando e meditando. Ao mesmo tempo, porém, deveríamos saber que, absolutamente independente de nossos esforços, Ele pode se revelar a nós a qualquer momento, através da Sua graça, É preciso que estejamos sempre prontos.

Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.

Um hindu ou um budista entenderia as "dívidas" desta passagem como as dívidas do karma. A palavra karma significa um ato físico ou mental e suas conseqüências. Qualquer pensamento que engendremos, qualquer ação que executemos tem duas conseqüências: primeiro, cria uma impressão na mente, o que significa que estamos semeando uma semente para pensamentos e ações análogos no futuro; segundo, acarreta felicidade ou miséria, de acordo com a natureza do pensamento ou do ato. Por nossas ações e reações estamos sempre contraindo dívidas, obrigações que carecem de ser pagas. Nós somos os únicos responsáveis por essas obrigações. Somos mesmo responsáveis pelo nosso próprio caráter, resultante de nossos hábitos de pensamento e de ação. Ao reconhecer nossas dívidas, ao perceber que tudo, seja bom ou mau, que nos acontece, nós mesmos o merecemos previamente — então aprendemos que não podemos responsabilizar ninguém mais por nada que sofremos. Todos temos a tendência de acusar os outros, seja lá pelo que for que exista de errado em nossa vida. No começo da criação, vemos Adão acusando Eva pelo pecado deles; por sua vez, Eva acusou a serpente. Se estivermos preparados para assumir a responsabilidade por nosso próprio karma, e não acusar os outros, então será fácil para nós perdoar os que estão em débito conosco, os que nos tiram alguma coisa ou nos causam algum mal. Somente quando tivermos este perdão em nossos corações poderemos esperar obter o perdão de Deus.

O que nos prende à lei do karma, à lei de causa e efeito? O nosso sentido de ego, que nos faz sentir separados de Deus. No Svetasvatara Upanishad lemos:

"Este vasto universo é uma roda. Sobre ela estão todas as criaturas que estão sujeitas ao nascimento, à morte e ao renascimento. Essa roda está sempre girando e não pára nunca. É à roda de Brahman. Sempre que o eu individual pensa que está separado de Brahman, ele dá outra volta sobre a roda na escravidão das leis do nascimento, da morte e do renascimento. Mas quando, pela graça de Brahman, ele percebe a sua identidade com ele, não mais gira sobre a roda e alcança a imortalidade."

A fim de nos libertarmos da escravidão do karma, precisamos oferecer os frutos de nossas ações ao Senhor e submeter-lhe o nosso sentimento de ego. Precisamos rezar a Deus, pedindo-lhe o perdão de nossas dívidas, de tal modo que, por sua graça, transcendamos o karma e alcancemos a união com Ele.

E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal: porque vosso é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Muitos acham de difícil entendimento esta parte da Oração do Senhor. Como é possível, perguntam, que Deus tente a alguém? Alguns eruditos, concluindo que Jesus não poderia ter dito estas palavras, debruçaram-se sobre os textos originais e geraram novas traduções, esperando com elas chegar a um sentido mais coerente com a compreensão que tinham do Evangelho de Cristo. Mas, ao estudante do Vedanta, a Oração é compreensível, exatamente como a encontramos aqui. Não é o universo todo uma gigantesca tentação? O próprio Deus invocou a mágica da criação, da preservação e da destruição através de *ínaya*, este poder cósmico que é a base do universo da mente e da matéria. Fascinado por *maya* o homem não enxerga que Deus, o *Atman*, habita dentro do seu próprio coração. Pelo contrário, ele vê o universo múltiplo e deseja gozar de seus objetos e atrações através dos sentidos, que se voltam para fora. Esquecido de Deus, torna-se escravo das tentações do *maya* de Deus, e vive na escravidão da ignorância e dos anseios do seu ego. O processo que ocorre quando o homem sucumbe à tentação vem descrito no Gita:

"Pensar nos objetos sensíveis fará com que te apegues aos objetos sensíveis; continua apegado e te tomaras viciado; contraria o teu vício e ele se transforma em raiva; fica raivoso e a tua mente se perturba; perturba a tua mente e te esquecerás das lições da experiência; esquece a experiência e perderás o discernimento; perde o discernimento e não alcançarás o único propósito da vida."

O vedantista vê uma alegoria da tentação de maya na história do Jardim do Éden. Adão simboliza Atman, o Eu divino; Eva, o intelecto de Adão; a serpente, maya. Como Eva (o intelecto) se rende à tentação, Adão também sucumbe: também ele come do fruto proibido. Esquece-se de sua natureza divina, reconhece o bem e o mal e experimenta, em vez do Paraíso, o universo do tempo, do espaço e da relatividade.

Sri Ramakrishna costumava rezar a Deus como a Mãe Divina, e reconhecia em sua prece a tentação de Deus:

"Refugio-me a teus pés santificados.... Por favor, Mãe, concede a mim, teu filho, que não seja iludido pelo teu maya do mundo encantado."

Com frequência comparava ele a Mãe Divina a uma mãe terrena que dá brinquedos ao filho. A mãe se dedica a seus afazeres domésticos, enquanto a criança está alegre com seus brinquedos. Basta, porém, que ele se canse de brincar, passe a gritar por ela, e a mãe larga o trabalho, corre para o filho e o toma nos braços. Enquanto nos satisfazemos ocupando-nos com as coisas deste mundo, a Mãe Divina deixa-nos brincar. Mas, tão logo nos desviamos da sua criação e nos inquietamos por ela, ela gentilmente se revela a nós.

Para escapar de maya e reconquistar nossa liberdade e perfeição, precisamos refrear os sentidos passageiros e voltar-nos para dentro, onde Deus se encontra; precisamos refugiar-nos em Deus e rezar pedindo a graça divina. Diz Sri Krishna: "Como é duro de quebrar este meu maya...! Mas só quem se refugia dentro de mim conseguirá vencer maya, somente esse e nenhum outro."

Quando vencemos maya e Deus se revela a nós, então vemos que "Da Alegria brota este universo, na Alegria este universo existe e para a Alegria ele retornará". Vivenciamos Deus em qualquer lugar, dentro de cada criatura, de cada objeto, e reconhecemos que isso é "o reino, o poder e a glória para sempre".

CAPITULO VI

DEUS E O DINHEIRO

Pois, se perdoardes aos homens os seus delitos, também o vosso Pai celeste vos perdoará;

Se, porém, não perdoardes aos homens, os seus delitos, também o vosso Pai não vos perdoará.

Enquanto não nos firmarmos na virtude do perdão, não alcançaremos a pureza de coração que nos propicia a visão de Deus. A prática do perdão é, pois, de importância fundamental para o aspirante à espiritualidade. No Sermão da Montanha, como vimos, Cristo insiste repetidamente nesta prática. Ele ensina a clemência, a reconciliação e o perdão das dívidas. Mas, além do Sermão, os Evangelhos registram muitos exemplos em que Cristo prega o perdão, tanto preceituando como dando, ele próprio, o exemplo. Quando Pedro lhe perguntou: *"Senhor, quantas vezes meu irmão pode pecar contra mim, e eu devo perdó-lo? Até sete vezes?" Respondeu Cristo: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete."*

Cristo jamais condenou os que prejudicaram os outros ou a ele próprio. "Abençoou-os, dizendo: "Vai e não peques mais", "Teus pecados estão perdoados". E na sua oração da cruz, pediu ele ao Pai que perdoasse a ignorância dos homens, "porque eles não sabem o que fazem".

Todos os grandes mestres espirituais enfatizaram a importância do perdão na vida espiritual. Disse Buda:

"Se um homem tolamente me prejudicar, dar-lhe-ei em troca a proteção do meu amor incansável; quanto maior o mal que dele vier, maior o bem que sairá de mim... Limpa o teu coração da malícia e cuida de não odiar, nem mesmo teus inimigos; antes, abraça com bondade todos os seres."

Concordam esses mestres que, se nos faltar o perdão, se guardamos pensamentos de raiva ou ódio, causaremos mal a nós próprios bem como aos demais. Eles nos orientam a fim de que ergamos ondas opostas de pensamentos — pensamentos de amor e compaixão — de tal modo que fiquemos em paz com o mundo e conosco mesmos.

Por que é difícil para a maioria de nós seguir o ensinamento do perdão? Porque quando alguém nutre inimizade por nós, reagimos, sentindo-nos feridos. E o que fica mais ferido? O ego. O perdão talvez seja a maior de todas as virtudes, pois, se

podemos perdoar realmente aos homens os seus abusos, colocamo-nos acima do ego, que nos impede a visão de Deus.

Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; pois eles desfiguram o rosto para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa.

Tu, porém, quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto;

Para não pareceres aos homens que jejuas, mas a teu Pai, que está em oculto; e teu Pai, que vê em oculto, te recompensará publicamente.

Um provérbio hindu adverte: "Cuidado com coisas assim: homem que usa uma folha sagrada na orelha, que é reservado e não diz absolutamente nada, que não consegue guardar segredo e fala demais; cuidado com a mulher que usa véu duplo e água de lagoa coberta de espuma." Noutras palavras, cuidado com aquilo que é diferente do que parece. O homem que exhibe sua religião não tem religião nenhuma. Se uma pessoa anela sinceramente pela visão de Deus, ela será recompensada pelo Pai "que vê em oculto", pelo Senhor que habita no mais íntimo do coração. Tal pessoa, encontrando a religião dentro de si, será humilde demais para manifestá-la exteriormente: ela a guarda inviolável no seu íntimo.

Além disso, espiritualidade e tristeza não andam juntas. A psicologia iogue explica que a prática das disciplinas religiosas purifica a mente. E a mente purificada — segundo lemos num dos aforismos do Patanjali — perde toda a letargia e melancolia (tamas) e firma-se no contentamento (sattva). Comentando este aforismo, disse Swami Vivekananda:

"O primeiro sinal de que se está tornando religioso é sentir-se contente. Quando uma pessoa está melancólica, isso pode ser dispepsia, mas não é religião. Um sentimento agradável é a natureza de sattva. Tudo é agradável ao homem sáttvico, e quando chega esta esperança, é sinal de que se está progredindo na ioga.... Para o iogue, tudo é bem-aventurança; cada face humana que ele vê traz-lhe contentamento. Isso é sinal de uma pessoa virtuosa. A miséria é provocada pelo pecado e por nenhuma outra causa. O que se pretende com semblantes sombrios?... Se você estiver com o rosto carrancudo, não saia de casa nesse dia; feche-se no quarto. Que direito tem você de levar essa perturbação pelo mundo afora?"

Deus é amor e bem-aventurança — o extremo oposto da tristeza. O homem que conserva sua mente em Deus será inundado de alegria. Lemos num breviário monástico: "Bebamos alegres a embriaguez sóbria do Espírito!"

Não junteis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem corroem, e onde os ladrões irrompem e roubam.

Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não irrompem nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.

Repete aqui Jesus o que já ouvimos antes, que uma das condições mais importantes para começar a viver com êxito a vida espiritual é ter um discernimento correto — discernimento entre o eterno e o não-eterno. Quanto mais cultivamos esta faculdade, mais perdemos a nossa sede de tesouros efêmeros do mundo objetivo, e nos voltamos para os tesouros eternos e infinitos do paraíso. O filósofo Spinoza definiu assim esse discernimento espiritual:

"A julgar por seus atos, entre as coisas que os homens têm em mais alta conta estão as riquezas, a fama ou o prazer sensual. Destas, a última é acompanhada de saciedade e arrependimento; as duas outras jamais se saciam: quanto mais temos, mais desejamos; quanto ao amor da fama, induz-nos ele a orientar nossas vidas pelas opiniões alheias. Mas, se uma coisa não é amada, não se levantarão disputas a seu respeito, não haverá tristeza caso ela desapareça, nem tristeza se outra pessoa a possuir; em suma, a mente não se perturbará. Estas coisas todas brotam do amor por aquilo que desaparece. Entretanto, o amor por algo eterno e infinito enche a mente toda de alegria e está imune de qualquer tristeza."

A finalidade da vida, nas palavras dos Upanishads, é "alcançar a bem-aventurança permanente em meio aos prazeres fugazes da vida". E essa bem-aventurança permanente é a bem-aventurança de Deus. Absorver-se na consciência de Deus é entrar em seu reino.

Muitos de nós compreendemos intelectualmente que a finalidade da vida é a percepção de Deus, e que os prazeres mundanos existem apenas por um instante. No entanto, nossos corações não correspondem, porque adquirimos o hábito de achar prazer

nos objetos sensíveis. Precisamos, então, criar o hábito novo de encontrar alegria em Deus. O Irmão Lawrence disse:

"Para conhecer a Deus precisamos pensar n'Ele com freqüência; e, chegando aamá-Lo, passaremos a pensar n'Ele constantemente: pois o nosso coração estará com o nosso tesouro."

Em outros termos, uma vez que tenhamos decidido que desejamos tesouros no céu, e não um tesouro na terra, precisamos aprender a unir nossos corações a Deus. Não importa quão freqüentemente mostremos fraqueza e esqueçamos de praticar o recolhimento: haveremos de atingir finalmente o objetivo, na medida em que continuarmos a tentar. Uma criancinha tenta andar: quem a vê caindo a toda hora acha impossível que ela ainda o consiga. Mas ela se levanta, a cada tombo, porque o desejo dentro dela é muito forte; e, por fim, ela consegue caminhar em pé, sem tropeçar. De modo semelhante, não haverá fracasso na vida espiritual enquanto não desistirmos de lutar. E não haveremos jamais de desistir dela se estivermos firmemente convencidos no coração e na mente de que Deus é o nosso único tesouro.

A luz do corpo é o olho. Se, pois, o teu olho for bom, todo o teu corpo estará cheio de luz.

Se, porém, o teu olho estiver doente, todo o teu corpo será cheio de trevas. Se, portanto, a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão essas trevas!

Para que fixemos nossos corações no eterno e renunciemos aos objetos efêmeros do mundo, nossos olhos têm de ser "singulares". Não precisamos correr atrás deste ou daquele objeto, mas devemos nos concentrar com devoção unidirecionada em Deus. Para a obtenção da iluminação, diz o Gita:

"A vontade volta-se sozinha para um único ideal. Quando falta ao homem este discernimento, sua vontade vaga em todas as direções, atrás de inúmeros objetivos."

Quando faltar ao homem o discernimento espiritual, "todo o seu corpo ficará nas trevas". Ele continua a viver na ignorância, e o Eu verdadeiro, a luz divina dentro dele, permanece escondido. A concentração da mente no ideal escolhido de Deus é a chave para revelar essa luz divina.

Essa concentração, pois, purifica o que entra na consciência através dos sentidos. "A luz do corpo é o olho", diz o Cristo, comparando o olho a uma janela pela qual penetra o mundo exterior. Através dos cinco sentidos captamos impressões, e a soma total dessas impressões compõe o nosso caráter. Se vemos o bem, absorvemos o bem; se vemos o mal, absorvemos o mal. Como reza uma prece védica: "Possamos, com nossos ouvidos, ouvir o que é bom. Possamos, com nossos olhos, enxergar a tua justiça." Ao olharmos, é necessário que aprendamos a enxergar Deus, o Espírito que envolve tudo — e não a aparência e a forma das coisas. Desse modo, em vez de nos desviar de nosso

O ideal, cada objeto do universo torna-se uma ajuda na percepção de Deus.

E assim a luz de Deus cai sobre nós até que, finalmente, nosso "corpo todo fique cheio de luz". As escrituras falam de grandes almas cuja iluminação interior se tornou materialmente visível; seus corpos tornaram-se de fato cheios de luz. Tive, certa vez, o privilégio memorável de testemunhar semelhante transformação. Foi em Benares, em outubro de. Swami Premananda, que, como discípulo de Ramakrishna alcançara a percepção de Deus, costumava visitar diversos templos, após tomar seu banho diário no Ganges. Eu o acompanhava. Certo dia, após nossa adoração no templo de Annapurna, a Mãe Divina, o prior colocou uma guirlanda de malmequeres à volta do pescoço de Swami Premananda. Quando o Swami estava para retirar a guirlanda e dá-la a mim, juntei as mãos, inclinei-me diante dele e disse:

— Não, santo senhor, por favor, fique com a guirlanda. O senhor está tão bonito!

A palavra "bonito" lembrou ao Swami a beleza de Deus, e ele entrou em êxtase. Seu rosto afogueou-se, e em seguida começou a emanar uma luz de todo o seu corpo. Caminhando lentamente, ele deixou o templo e eu o segui. A alameda do templo, como de praxe, estava povoada de gente, mas as pessoas à nossa volta contemplavam o Swami e abriam caminho. Era absolutamente evidente que todos os presentes viam-no iluminado. Continuamos a caminhar pelas ruas de Benares, enquanto a multidão permanecia parada, olhando silenciosamente Swami Premananda. Ele estava absorvido por completo no pensamento de Deus e alheio a tudo o que o rodeava. Ao aproximarmos-nos do portão ex-terno do nosso mosteiro, Swami Nirbharananda, o

abade, viu-nos da varanda. Ordenou imediatamente aos monges que preparassem uma recepção especial a Swami Premananda.

Penetramos nos jardins do templo ao som dos gongos, de buzinas de concha e do bimbalar dos sinos. Em seguida, quando chegamos à varanda, Swami Premananda retirou a guirlanda e colocou-a ao redor do pescoço do abade. O êxtase foi diminuindo gradativamente e a luz divina desapareceu.

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro.

Comparem-se as palavras de Cristo com o ditado hindu a respeito de Rama, um dos avatares: "Onde está Rama, não existe desejo mundano, e onde existe desejo mundano, Rama não está." Encaremos os fatos: a tentativa de servir a "Deus e ao dinheiro" simultaneamente é ato de puro desespero. Dizem-nos os grandes mestres espirituais que não se pode fazer isso. Não podemos compenetrar-nos de Deus enquanto formos escravos de desejos como a luxúria e a ganância. O discernimento espiritual precisa estar ao lado das práticas espirituais. Amadurecendo nosso discernimento, surge como processo natural a renúncia. Então, como o mercador da parábola de Cristo, venderemos todos os nossos pertences, a fim de comprar a "pérola única de alto preço", que é o reino do céu.

A leitura do evangelho de Cristo torna claro que ele ensinava o ideal da renúncia, exatamente como tem sido ensinado por todos os grandes videntes da verdade: Se você deseja realmente a Deus, precisa abandonar o dinheiro. Como a mensagem de Rama, Krishna, Buda e todos os outros avatares, a mensagem de Cristo é universal: vida espiritual sem renúncia é impossível. Em suas próprias palavras:

"Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas aquele que, por amor de mim, perde a sua vida, a encontrará. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou o que poderá dar o homem em troca da sua alma?"

O que vem a ser, de fato, negar a si mesmo, renunciar? Não significa livrar-se do mundo e de seus deveres. Significa abandonar o egoísmo, o sentimento de "eu" e de "meu". Significa amar a Deus com todo o coração, alma e mente. Sri Ramakrishna

dizia: "Por que o amante de Deus renuncia a tudo por amor daquele que ama? Depois que vê a luz, a mariposa não volta mais para o escuro; a formiga morre no monte de açúcar, mas não recua dele. Assim, de bom grado, o amante de Deus sacrifica a vida para alcançar a bem-aventurança divina, não se apegando a mais nada."

Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa?

Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem a juntam em celeiros; e o vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós mais valor do que elas?

E qual de vós, com todos os seus cuidados, pode acrescentar um côvado a sua estatura?

E, quanto à roupa, por que andais preocupados? Olhai para os lírios do campo, como crescem; eles não trabalham nem fiam:

E eu vos digo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.

Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

Milhões de pessoas conheceram estas palavras desde a infância, julgando-as belas, porém, impraticáveis. Preferem o lugar-comum da sabedoria mundana: "Confia em Deus e mantém seca a tua pólvora." E estão certos, na medida em que decidem viver segundo os valores deste mundo. Os preceitos de Cristo são impraticáveis para as pessoas que não se dedicam inteiramente a Deus. Mas, se você procura realmente o reino do céu, então não se preocupará com o lugar onde vive, com o que come ou onde dorme. Houve no passado homens e mulheres, e há alguns ainda hoje, que viveram e vivem nesse espírito de completa dependência em relação ao Senhor.

Alguns monges peregrinos da Índia fazem voto de não buscarem esmolas durante determinados períodos. Põem-se em posição de meditação e nada fazem em prol de si mesmos. Nenhum deles que assim age jamais morre de fome. Vários discípulos de Sri Ramakrishna praticaram semelhante austeridade, e de um jeito ou de

outro sempre receberam alimento suficiente para se sustentarem. A experiência desses devotos de Deus prova que o ensinamento de Cristo sobre a renúncia perfeita pode ser observado sem nenhum risco.

Por isso não andeis preocupados dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir?

(Porque todas essas coisas os gentios procuram.) *De certo, vosso Pai celestial sabe que necessitais de todas estas coisas.*

Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Sri Ramakrishna ensinou a mesma verdade: "O homem santo não pode acumular bens. Pássaros e monges peregrinos não fazem provisão para o dia seguinte." E foi criticado por ensinar tal preceito aos jovens que vinham a ele em busca de orientação religiosa, em vez de encorajá-los a viverem vidas "úteis" no mundo. Ele sabia que nem todos podem viver o ideal da renúncia total; por isso recomendava a autonegação total somente a futuros portadores de sua mensagem. Mas esperava também que os discípulos chefes de família praticassem a renúncia e a auto-submissão. Dizia-lhes ele que cumprissem as suas obrigações com espírito de desapego, da maneira como uma aia cuida afetuosa e conscientemente do filho de seu amo, sabendo embora que não lhe pertence. E pedia-lhes que se resignassem inteiramente à vontade de Deus: "Ele os colocou neste mundo. Que podem vocês fazer? Submetam-se a Ele!"

A fim de ilustrar ao chefe de família o ideal de auto-sujeição, Sri Ramakrishna costumava contar a história, de um tecelão que se devotara a Deus Rama. O tecelão era amado e respeitado por todos na aldeia porque era honesto e ingênuo. Certa noite, quando estava sentado sozinho na sala de adoração de sua casa, apareceu um bando de ladrões. Eles precisavam de alguém que lhes carregasse o produto da pilhagem, por isso levaram o tecelão com eles. Depois de arrombarem uma casa e retirarem muitas coisas, empilharam a carga na cabeça do tecelão. De repente, surgiu o vigilante. Os ladrões conseguiram escapar, mas o tecelão foi apanhado e posto na prisão. Na manhã seguinte, os aldeões foram unânimes em dizer ao juiz que era impossível que o tecelão tivesse roubado qualquer coisa. Assim, pediu o juiz ao tecelão que descrevesse o que acontecera. O tecelão disse:

— Honrado Senhor, pela vontade de Rama, estava eu sentado na sala de adoração, cantando o nome de Deus. Pela vontade de Rama, um bando de ladrões passou e carregou-me com eles. Pela vontade de Rama, eles praticaram um roubo e forçaram-me a carregar-lhes o saque. Pela vontade de Rama, chegou o vigilante e eu fui apanhado e preso. E, pela vontade de Rama, fui esta manhã trazido à presença de Vossa Honorabilidade.

Convenceu-se o juiz da honestidade e piedade do tecelão e libertou-o. A caminho de casa, o tecelão disse aos aldeões: "Pela vontade de Rama, fui libertado."

Quando uma pessoa atinge esse estado de total auto-sujeição à Providência Divina, Deus conduz cada um de seus passos. Os avatares testemunham esta verdade. Cristo promete que o Pai celeste cuidará das necessidades de seus fiéis. De igual modo, Sri Krishna declara no Gita:

"... se um homem me adorar, e meditar em mim com mente compenetrada, dedicando-me cada instante, eu lhe suprirei todas as necessidades e protegerei seus bens contra as perdas."

Se procurarmos realmente o reino de Deus, excluindo qualquer outra coisa, sentiremos de maneira muito especial a graça de Deus.

"... e todas estas coisas vos serão acrescentadas." Esta passagem tem sido interpretada como significando que o amor a Deus trará benefícios materiais. É absolutamente verdade que o Senhor protege e prove seus fiéis de suas necessidades na vida. Mas, adorar a Deus a fim de obter a satisfação de desejos materiais é usá-lo como meio para um fim mundano: é uma degeneração da religião. O que é acrescentado ao homem que depende inteiramente de Deus? Benefícios espirituais: pureza, amor divino e alegria eterna.

Não vos inquieteis, pois pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. A cada dia basta o seu mal.

Como nos preocupamos com o futuro! Sofremos inutilmente, lembrando sofrimentos passados e temendo a repetição de privações no futuro. Cristo adverte-nos para que abandonemos as preocupações. As preocupações não resolvem nossos problemas; ao contrário, mantêm a mente em sobressalto e distraída, incapaz de pensar em Deus. Nas palavras de Swami Vivekananda: "Cada vez que nos pomos ansiosos ou

deprimidos, tornamo-nos ateus." Porém, se, em vez de nos preocuparmos com o amanhã, orientarmos o pensamento para Deus, nossos problemas se resolverão. Encontraremos a força e a paz da mente. Alcançaremos o equilíbrio em meio às oposições da vida. E, por fim, nos tornaremos iluminados espiritualmente. O Gíta diz:

Aquele homem sereno Absorto no Atman Domina a sua vontade,
Desconhece a inquietação Na dor ou no prazer, Na honra e na desonra.

Esta serenidade não é o que comumente chamamos de resignação estóica ao sofrimento e à miséria. Como todos os seres encarnados, o homem de Deus sente calor e frio; sente prazer e dor, louvor e crítica. Entretanto, estes dualismos da vida não o afetam em nada. Logo que ele se torna iluminado espiritualmente, reconhece que corpo e mente estão separados de Atman, de seu verdadeiro Eu; e seu coração purificado experimenta a felicidade infinita que existe além do alcance dos sentidos.

CAPÍTULO VII

ESTREITA É A PORTA

Não julgueis, para não serdes julgados.

Porque com o julgamento com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.

E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?

Ou como dirás ao teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?

Quase todos tendem à tagarelice, à crítica e ao julgamento dos demais. Gostamos de bisbilhotar e de criticar os outros porque isso incha o nosso próprio sentimento de ego. Por detrás de nossa crítica está o sentimento: "Eu não tenho essa fraqueza. Sou mais forte que eles." Em geral, a fraqueza que costumamos ver noutra pessoa existe apenas em nossa própria imaginação impura. Quantos de nós podem, de fato, olhar para o íntimo de outro ser humano e ver todos os motivos que o incitam a

agir de determinado modo? No entanto, estamos ávidos para julgar e atribuir intenções — más intenções.

A bisbilhotice pode parecer muito inocente, todavia, ela provoca grande dano na sociedade humana, em particular nos que se abandonam a ela. Os que insistem nos erros alheios desenvolvem os mesmos erros em si próprios: porque na mente de cada pessoa acumulam-se tanto as boas como as más impressões e tendências, e se criticamos o outro por causa de alguma falta, e teimamos na crítica, essas tendências que se acham adormecidas em nossa mente inconsciente libertam-se e passam a atuar. Por outro lado, se nos habituamos a ver o bem nos outros, nossas próprias boas tendências libertam-se e fortalecem-se. Assim, por amor de si mesmo e dos outros, importa que o vidente espiritual não faça críticas, não alimente boatos nem faça julgamentos. "Se desejas a paz mental, não busques as fraquezas alheias", ensinou Sri Sarada Devi, grande e santa mulher de Bengala. "Aprende a tornar teu o mundo inteiro. Ninguém é estrangeiro; todo este mundo é teu."

Temos na Índia um ditado que diz: a mosca pousa tanto na imundície como no mel, mas a abelha busca apenas o mel e foge da imundície. Por isso, um dos primeiros votos proposto ao aspirante espiritual é: "Que eu possa seguir o exemplo da abelha, e não o da mosca." À medida que progredimos na vida espiritual, aprendemos a ver o bem em todos, aprendemos a ter amor, simpatia e compaixão por todos. Os homens verdadeiramente santos têm essa atitude para com a humanidade: se tivermos a menor gota de bondade dentro de nós, eles verão um oceano de bondade dentro dessa gota — não porque sejam por demais otimistas, mas porque enxergam a possibilidade de crescimento futuro e o realçam. Sabem que pela graça de Deus o homem pode libertar-se num instante de todo pecado e escravidão. Swami Brahmananda dizia:

"Montes de algodão podem ser queimados por um único palito de fósforo; assim também um olhar bondoso de Deus pode eliminar montanhas de pecado. homem que hoje aparece como um pecador, pode ser um santo amanhã."

Significa isso que devemos ficar cegos às faltas uns dos outros e jamais procurar corrigi-las? Não, Jesus não diz isso. Mas diz:

Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.

Pede-nos Jesus que corrijamos nossos próprios defeitos antes que tentemos corrigir os de nosso irmão. Somos hipócritas na medida em que justificamos nossas fraquezas e as achamos dignas de esquecimento e, todavia, relutamos em tolerar as imperfeições de nosso irmão. Depois de retirarmos a trave de nossos próprios olhos, depois de ter purificado os nossos corações e tendo realmente amor pela humanidade — então poderemos dizer aos outros onde eles estão falhando, não com intenção maliciosa, mas com simpatia e compaixão. Meu mestre, como de resto todos as grandes almas, ficava de mau-humor quando não encontrava falta em ninguém. Ele via Deus em toda a parte e nada a não ser Deus. Outras vezes, porém, ralhava conosco, trovejava contra nós, fustigava as nossas faltas. Logo depois acrescentava: "Pensam vocês que podem fugir de mim, porque sou aparentemente muito cruel? A mãe segura o filho e bate-lhe. O filho grita: Mãe! E o tempo todo fica nos braços da mãe." Mas, até que sintamos nós mesmos esse amor, não temos o direito de criticar os outros. Deixem disso! Ganharemos mais buscando nossas próprias faltas.

Não deis aos cães o que é santo, nem atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se contra vós, vos despedacem.

Neste ponto, Jesus diz aos apóstolos como eles devem ensinar a verdade de Deus. Adverte-os a terem discernimento, a pregarem apenas aos que estiverem preparados para receber e cumprir o ensinamento. Encontramos passagens paralelas nos textos do Vedanta. No Mundaka Upanishad lê-se: "Que a verdade de Brahma seja ensinada apenas aos que obedecem à sua lei, que lhe são devotados e que têm a pureza de coração." Igualmente, após transmitir a mensagem do Gita a Arjuna, Sri Krishna diz: "É preciso que jamais digas esta santa verdade a ninguém que não tenha autocontrole e devoção, ou que despreze seu mestre e caçoe de mim."

O verdadeiro guru não confia um preceito elevado a um homem sem espiritualidade, que possa interpretá-lo mal, empregá-lo de forma errada para justificar seus desejos mundanos ou ridicularizá-lo. Há certas condições que precisam ser cumpridas antes que alguém possa assimilar a verdade religiosa. É preciso que possua pureza, sede do conhecimento divino e perseverança. Quando aspirante e mestre estão devidamente qualificados, a vida espiritual torna-se frutuosa. Os Upanishads nos dizem que muitas pessoas, embora ouçam falar do Eu, não o compreendem.

"Maravilhoso é aquele que fala dele. Inteligente é aquele que aprende sobre ele. Abençoado é aquele que, ensinado por um bom mestre, consegue compreendê-los. Pedi e vos será dado; buscai e encontrareis; batei e vos será aberto;

Porque todo aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre.

E qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?

E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?

Nesta passagem, Jesus resume toda a verdade da religião. Antes que se abra a porta do reino de Deus, o aspirante à espiritualidade precisa ter anelado por Deus e pela fé.

O que é a fé? É saber que quando se bate à porta esta se abrirá. A fé não nos chega até que tenhamos alcançado a pureza de coração. Sensualidades, paixões, desejos carnis impedem-nos de ver Deus que, não obstante, está sempre presente, em toda parte. Quanto mais batermos, quanto mais pedirmos e rezarmos — tanto mais enxergaremos este mundo como simples aparência, e a realidade da presença de Deus se abrirá para nós.

O anelo verdadeiro por Deus — a fome e o acabrunha-mento que Jesus chama de bem-aventurados — surge apenas quando não mais estivermos presos aos objetos deste mundo. Impõe-se que atinjamos um estágio de desdobramento espiritual em que, nas palavras do Salmista, a alma suspire pela união divina "como o cervo anseia pela água do córrego". O grande místico hindu Chaitanya anelava tão desesperadamente pela visão de Krishna que um instante só de separação de seu amado Senhor lhe parecia como milhares de anos. Ele sentia que seu coração se consumiria com seu desejo e que o mundo, sem Deus, era "um vazio cruel". Quando esta intensidade de anseio surge, Deus acolhe a prece de seu devoto.

Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedem!

É preciso que nos lembremos sempre de que Deus nos ama, de que somos seus próprios filhos, e de que temos direito à sua indulgência. Dizia Sri Ramakrishna:

"Se um filho pede continuamente sua parte da herança, seus pais hão de dar-lha mesmo antes que ele atinja a maioridade. O Senhor seguramente responderá às tuas preces, se fores insistente com ele. Ele é nosso Pai e nossa Mãe. Temos todo o direito de reclamar dele a nossa herança."

Portanto, tudo aquilo que quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós: porque esta é a lei e os profetas.

A verdade aqui ensinada por Jesus é comum a todas as principais religiões. É a Regra de Ouro, nosso guia de conduta na sociedade humana. Há passagens quase idênticas no Mahabharata, o famoso épico indiano: "Trata os outros como gostarias de ser tratado." "Nada faças daqui em diante a teu próximo, que não gostarias que ele fizesse a ti." Nossa finalidade na vida é vivenciar a união com Deus e com todos os seres. Podemos fazer deste fim o meio para chegar à percepção de Deus. Se nos empenharmos na prática de ver a unidade, se agirmos com os outros como gostaríamos que agissem conosco, nossa consciência acabará por transformar-se. Então veremos de verdade o Deus único vibrando em cada átomo do universo e o louvaremos em todos os seres.

Ao ensinar a Arjuna a verdade do amor universal, diz Krishna:

Quem arde de felicidade

E padece de tristeza

Por todas as criaturas

Dentro de seu próprio coração.

Tomando sua Cada felicidade e cada tristeza:

A esse erguerei acima De todos os iogues.

Existem pessoas que julgam a busca de Deus suficiente para tornar aquele que busca indiferente aos sofrimentos dos outros. No entanto, a verdade é bem diferente. Quanto mais nos voltamos com amor para Deus, mais sensíveis nos tornamos aos problemas alheios e mais lhes damos atenção. Começamos a perceber que nosso próprio Eu é o Eu em todos os demais. Por desejarmos ser felizes, não podemos causar a infelicidade dos outros; e por isso não podemos ferir os outros de modo algum.

Costumava dizer meu mestre: "Vai meditar, canta o nome do Senhor. Então hás de sentir teu coração se dilatar de simpatia por todos."

Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela.

Porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à Vida, e poucos há que a encontram.

Adverte-nos Jesus que a percepção de Deus não é fácil. A pureza de coração só será alcançada depois de muita luta. Lemos no Katha Upanishad: "Como o corte afiado de uma navalha, dizem os sábios, é o caminho. Ele é estreito e difícil de trilhar!" Somos informados também de que o Senhor criou os sentidos exteriores:

"Por conseguinte, o homem se volta para o que está fora e não vê o que está no interior. Raros são aqueles que, anelando a imortalidade, fecham os olhos para o que está no exterior e se voltam para o Eu."

A tendência natural do homem é precipitar-se pela estrada larga dos sentidos e perder-se no mundo. O processo de crescimento religioso é dar um giro nesse curso todo da vida e fazê-lo desaguar no interior, através "da porta estreita".

O sentido da "porta estreita" parece ficar inteiramente claro através dos ensinamentos da ioga sobre o despertar espiritual. Os iogues indianos identificam três passagens de nervos na espinha, chamadas: ida, pingala e sushumna. A ida e a pingala são duas passagens externas dos nervos da espinha; mas, quanto à sushumna, a passagem central, os anatomistas modernos não conseguiram encontrar-lhe nenhuma utilidade. A ioga, porém, revela o seu uso. De acordo com a ioga, existem sete centros de consciência espiritual, localizados em toda a extensão da espinha do corpo humano. Na base da espinha situa-se uma reserva de energia espiritual latente que, despertada pelas práticas espirituais e pela devoção a Deus, eleva-se através do canal estreito da sushumna. Quando essa energia atinge os centros mais elevados da consciência, produz vários graus de iluminação.

Enquanto a mente permanece presa à mundanidade, a consciência reside nos três centros inferiores, nos órgãos da evacuação, da reprodução e no umbigo. A mente, nesse caso, não possui ideais espirituais ou pensamentos puros. O quarto centro de consciência é a região do coração. Quando a energia espiritual sobe para esse centro, o

aspirante enxerga a luz divina e experimenta o êxtase. Ao atingir o quinto centro, na garganta, ele sente a necessidade de pensar e de falar somente de Deus. No sexto centro, entre as sobrancelhas, ele usufrui da visão de Deus. Existe ainda uma sensação tênue de eu abandonado, e o aspirante anseia por quebrar esta última barreira que o separa de Deus. Quando a energia espiritual irrompe no centro mais elevado, no cérebro, surge à percepção de que "Eu e o Pai somos um", e alcança-se a união divina perfeita. Desse modo, a sushumna seria literalmente a porta estreita que leva à vida eterna, ao conhecimento do próprio Deus.

Na Índia, os ensinamentos da ioga a respeito dos centros espirituais têm sido corroborados pelas experiências de aspirantes durante milhares de anos. Mas a percepção espiritual não se limita naturalmente à Índia — é a mesma para todos, quer se trate de hindus, cristãos, judeus ou adeptos de qualquer outra religião. Para se perceber a notável semelhança com as experiências dos iogues hindus, veja-se o exemplo de Jacob Boehme, místico cristão do século XVI que, em suas Confissões, descreve o seu próprio despertar espiritual:

"Porque o Espírito Santo não se encerrará na carne pecadora, antes sobe como um relâmpago, como o fogo, cintila e faísca da pedra quando o homem a golpeia.

Mas, quando a faísca é apanhada na fonte do coração, então o Espírito Santo eleva-se até as sete fontes desabrochadas do espírito, até o cérebro, como a aurora do dia, como a vermelhidão do amanhecer...

Deste Deus extraí meu conhecimento, e de nenhuma outra coisa; nem conhecerei outra coisa qualquer senão esse mesmo Deus...

Embora pudesse um anjo do céu falar-me isto, nem assim eu o acreditaria, muito menos o conservaria; porque ficaria sempre em dúvida se realmente seria assim ou não. Entretanto, o próprio Sol se ergue em meu espírito, por isso tenho absoluta certeza dele."

Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes.

Por seus frutos os conhecereis. Por acaso colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos cardos?

Do mesmo modo, toda árvore boa produz bons frutos, mas a árvore má produz frutos maus.

A árvore boa não pode dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons.

Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.

Portanto, pelos seus frutos os conhecereis.

Diz-nos Jesus que façamos distinção entre profetas falsos e verdadeiros e entre religião falsa e verdadeira. A religião verdadeira mostra-nos como vencer o mundo e alcançar o conhecimento de Deus, mas os mestres da religião falsa oferecem a promessa de sucesso e a riqueza no mundo. Os frutos da religião verdadeira são a iluminação, o amor generoso e a compaixão por todos. Sri Ramakrishna seguiu os caminhos de muitas religiões durante sua vida terrena e aplicou sempre a cada uma delas o mesmo teste: "Será que ela me dará a iluminação de Deus?" Quando lhe falavam de uma nova seita, perguntava: "Ela ensina o amor a Deus? Ensina como as pessoas alcançam a percepção de Deus?" Em caso negativo, nada tinha a fazer com elas.

O líder religioso deveria ser uma alma iluminada. Se ele prega o conhecimento de Deus sem ele próprio possuir esse conhecimento, será como um cego guiando outro cego. Todavia, é difícil para o aspirante da espiritualidade julgar a idoneidade de um mestre ou profeta, porque o homem verdadeiramente religioso não faz alarde de sua santidade. Há, porém, certas qualidades que são características de um autêntico líder espiritual. Antes de mais nada, ele conhece o espírito das escrituras. Depois, possui o coração puro e sem pecados, o que significa que ele vive aquilo que prega — não basta o conhecimento intelectual da verdade religiosa. Em terceiro lugar, ele labuta por puro amor pela humanidade: não ensina movido por segundas intenções, como o desejo de riqueza ou de fama. O líder espiritual ou profeta que possui essas três qualidades merece confiança e o aspirante espiritual que dele se aproxima com humildade e reverência é um abençoado.

Nem todo aquele que me diz "Senhor, Senhor" entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus.

Muitos me dirão naquele dia: "Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? e em teu nome que expulsamos demônios? e em teu nome que fizemos muitas maravilhas?"

Então, eu lhes direi abertamente: "Nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade."

Estes versículos têm sido usados freqüentemente para justificar certo tipo de religião humanística. Os humanistas interpretam a frase relativa a "fazer a vontade do Pai" como uma ordem para que se façam boas obras no mundo exterior. Dizem eles "Senhor, Senhor" para dar um toque de emoção ao trabalho, e vão em frente com seu serviço social. Servem-se de Deus como se fora um varredor para limpar o esgoto da sociedade humana.

Existe apenas um modo de cumprir a vontade de Deus, e este é, em primeiro lugar, conhecê-Lo. Até que alcancemos isso, jamais haveremos de saber qual a Sua vontade. Isso não quer dizer que devemos desistir dos trabalhos humanitários. Se alguém estiver faminto, alimenta-o; se estiver doente, dá-lhe tratamento. Entretanto, é preciso que façamos isso, não como filantropia ou ajuda à humanidade, mas como serviço prestado a Deus e por amor a Deus.

Existe uma diferença fundamental entre a atitude de filantropia e a de servir a Deus. Descobrimos freqüentemente entre os que se põem a sentir a humanidade o surgimento do egoísmo. Contemplam o próprio trabalho e não demoram a exclamar: "Sem mim, as coisas desandariam. Nada deve atravessar o caminho desta obra. mundo precisa de mim." próximo passo é dizerem: "Deus precisa de mim." Quando estive pela primeira vez nos Estados Unidos, visitei uma escola dominical cujo professor escrevera no quadro negro: "Deus precisa da tua ajuda." Mais tarde, ouvi um ministro dizer: "Sabemos todos que Deus não é onipotente. Precisamos ajudá-lo a aumentar o seu poder." Trata-se exatamente do oposto ao que ensinou Jesus, o qual afirmou que Deus não precisa de nós: nós precisamos dele. Ensinou ele que os milagres feitos em nome dele não nos credenciarão a entrar no reino dos céus; obraremos "iniquidades", a menos que submetamos nossos egos a Deus e deixemos que nossas vontades se dissolvam na vontade dele.

Disse Swami Vivekananda a respeito do trabalho abnegado:

"É pura tolice da parte de qualquer pessoa supor que veio ao mundo para ajudar a humanidade. Isso não passa de vaidade; isso é egoísmo insinuando-se sob a forma de virtude..."

"O desejo de fazer o bem é a mais alta força de motivação que possuímos, caso entendamos que se trata de um privilégio para ajudar os outros. Não te coloques num pedestal elevado, ofertando algumas míseras moedas com as palavras: Tome lá, pobre homem! Mas fica antes agradecido por estar ali o pobre homem, de tal modo que, dando-lhe uma esmola, achas meio de ajudares a ti mesmo. Não é o que recebe o abençoado, mas o que dá.... O que podemos fazer de melhor? Construir um hospital, abrir estradas, ou erguer asilos de caridade... Uma erupção vulcânica pode arrasar com todas as nossas estradas, hospitais, cidades e edifícios.

"Coloquemos de lado todo esse palavreado tolo de fazer o bem para o mundo. Ele não está à espera nem da minha nem da tua ajuda. No entanto, é preciso que trabalhem e façamos constantemente o bem, porque se trata de uma bênção para nós mesmos. Esse é o único meio de podermos alcançar a perfeição... Julgamos ter ajudado alguém e esperamos que ele venha nos agradecer; e, por não fazê-lo, enchemo-nos de tristeza. Por que devemos esperar seja lá o que for em troca do que fazemos? Sejas tu agradecido a quem ajudaste, pensa nele como sendo Deus. Não será enorme privilégio poder adorar a Deus através de nosso próximo?

"Não importa o que faças de bom, algum mal haverá de estar-lhe inerente; todavia, não vises a resultados pessoais em tudo quanto fizeres. Abandona todos os resultados a Deus, e então não serás afetado nem pelo bem nem pelo mal."

A religião não deve ser egoísta nem altruísta e, sim, teocêntrica. Importa que centralizemos nossa mente toda em Deus, e, depois, abrindo nossos braços a todos, abracemos cada um no amor de Deus.

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as põe em prática, assemelhá-lo-ei ao homem sensato que edificou a sua casa sobre a rocha.

E desceu a chuva, e vieram as enxurradas, e assopraram ventos, e combateram aquela casa; mas ela não caiu, porque estava alicerçada sobre a rocha.

E todo aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

E desceu a chuva, e vieram as enxurradas, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e ela caiu; e foi grande a sua queda.

A rocha sobre a qual o sábio constrói a sua casa é a rocha da experiência espiritual. Uma vez que fiquemos face a face com a Realidade, e nos assentemos sobre ela, então nada pode abalar-nos. Até que tenhamos construído sobre a rocha — pouco importa quão forte possa parecer a nossa fé sob o aspecto emocional — seremos agitados pelas tormentas da dúvida: e a casa ruirá, precisando ser reconstruída repetidamente.

Um Cristo, um Buda, um Ramakrishna levanta-se e diz: "Eu vi!" Nenhuma narração de segunda mão, nem toneladas de estudos, nem a riqueza da eloquência podem comparar-se à garantia absoluta do testemunho de primeira mão, que esse mestre iluminado nos oferece. Todavia, mesmo o testemunho de tais mestres iluminados, mesmo isso não basta: é preciso que o testemunho deles nos leve a agir. A crença de alguém que diz: "Creio em Jesus" ou "Aceito Buda", e que nada faz, além disso, não é genuína. "Todo aquele que ouve estas minhas palavras, mas não as pratica, será comparado a um insensato que construiu sua casa sobre a areia." A fé verdadeira faz que nos empenhemos até renascermos também em espírito e entrarmos no reino dos céus.

Ter estado efetivamente presente ter escutado o Sermão da Montanha — foi por certo uma das experiências mais formidáveis que um ser humano jamais teve; no entanto, mesmo esta foi uma experiência de segunda mão. Por isso vemos que alguns dos discípulos mais íntimos de Cristo foram mais tarde abalados por dúvidas. Swami Vivekananda também as teve, mesmo depois de longa intimidade com Sri Ramakrishna: e essas dúvidas só se desfizeram quando, por fim, ele sentiu diretamente a verdade de Deus. Dessa forma, voltamos ao princípio básico de que a religião é algo que nós próprios temos de fazer, de ser e de viver — caso contrário, não será nada.

E aconteceu que, ao terminar Jesus estas palavras, a multidão se admirou da sua doutrina:

Porquanto os ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas.

Eu gostaria de citar um trecho da conferência de Swami Vivekananda sobre Cristo: "Ele não tinha outra ocupação na vida, nenhum outro pensamento, a não ser este: que era um Espírito. Ele era um Espírito desencarnado, desvencilhado, livre. E não só isso: mas, com sua visão maravilhosa, descobrira ele que cada homem e cada mulher, fosse judeu ou gentio, rico ou pobre, santo ou pecador, era a encarnação, como ele

próprio, do mesmo Espírito imortal." Portanto, o único trabalho que sua vida inteira exibiu foi chamá-los a sentir a natureza espiritual deles próprios. "Abandonai", disse ele, "estes sonhos supersticiosos de que sois pequenos e pobres. Tirai da cabeça que sois pisados e tiranizados, como se fosseis escravos, porque dentro de vós existe algo que jamais poderá ser tiranizado, jamais poderá ser pisado, perturbado, morto". "Sabei", afirmou, "que o reino de Deus está dentro de vós. Sois todos Filhos de Deus, Espírito imortal. Tende coragem de erguer-vos e dizer, não só que 'Eu sou o Filho de Deus', mas hei de descobrir também no mais profundo do coração que 'Eu e meu Pai somos um!'."

Eis aí o evangelho eterno, ensinado por todo grande Mensageiro, no qual o Cristo pede a nós todos, que pretendemos ser seus filhos, primeiro que ouçamos, depois que percebamos por nós mesmos.

O SERMÃO DA MONTANHA SEGUNDO O VEDANTA Swami Prabhavananda Não deveria ser novidade, no seio de uma comunidade cristã, um livro sobre o Sermão da Montanha, que é o próprio cerne do ensinamento cristão. Mas, se esse livro tiver sido escrito por um swami hindu, adepto do Vedanta e do evangelho de Sri Ramakrishna, não só interpretando mas enaltecendo as palavras do Mestre, então, o mínimo que se pode dizer é que se trata de um livro incomum.

Nesta interpretação, contudo, o autor não mostra o texto do Evangelho apenas como um ideal distante, dificilmente atingível — que é a forma como o vê a maioria dos ocidentais — mas como um programa prático de vida e de conduta cotidiana. Tão clara é a interpretação que Prabhavananda faz desse grande texto que muitos cristãos haverão de descobrir através dela uma abordagem mais simples ao ensino do Mestre e mais objetiva do que qualquer outro comentário que porventura tenham lido.

Swami Prabhavananda — fundador da Comunidade Vedanta do Sul da Califórnia — também é conhecido como autor de livros sobre religião e filosofia, além de tradutor de clássicos da literatura hindu. Os quase anos que viveu no Ocidente deram-lhe uma visão abalizada e única sobre as aspirações e as necessidades dos ocidentais, o que o qualifica singularmente para fazer esta apresentação dos ensinamentos de Jesus à luz do Vedanta.

